



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA

A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

FORTALEZA

2024

FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA

A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Dissertação apresentação ao Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S238s Souza, Francisco Jackson De Freitas.
A sabedoria socrática no ensino de filosofia / Francisco Jackson De Freitas Souza. –
2024.
89 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte,
Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2024.
Orientação: Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida.

1. Sócrates. 2. Educação. 3. Método. 4. Filosofia. 5. Ensino. I. Título.

CDD 100

FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA

A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de filosofia.

Aprovada em: 21/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Hugo Filgueiras de Araújo
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Antônio Júlio Garcia Freire
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

A Deus.

À minha esposa amada, Roseani Freitas.

Aos meus familiares, especialmente à
minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal do Ceará e a todos os professores dessa instituição que não mediram esforços a fim de contribuir consideravelmente no processo de ensino-aprendizagem dos seus estudantes.

Ao Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida, pela exímia orientação e por sempre estar disposto a ajudar e somar de forma excepcional e humana nesta pesquisa.

Aos professores que participaram da Banca examinadora,

Aos meus colegas da turma de mestrado, pelas reflexões e experiências que levo sempre na memória e no meu coração.

A todos os meus alunos que, sem eles, essa pesquisa não faria sentido.

A todos que contribuíram, de maneira direta ou indireta para a realização desta pesquisa.

O ser humano pode converter-se no mais divino dos animais, sempre que se o eduque corretamente; converte-se na criatura mais selvagem de todas as criaturas que habitam a terra, em caso de ser mal-educado. (Platão, *As Leis*, 766a).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é compreender e analisar a sabedoria de Sócrates e suas possíveis contribuições para a educação no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem, sobretudo para o ensino de filosofia. A partir da reflexão de certas práticas utilizadas por Sócrates como a “ironia” e a “maiêutica”, buscamos avaliar como essas posturas podem ser úteis em sala de aula e como elas podem fomentar um ambiente escolar capaz de produzir um ensino-aprendizagem onde os alunos possam se tornar cada vez mais ativos e protagonistas na construção do próprio saber. Assim, o objetivo é aumentar o envolvimento dos alunos com a filosofia, no qual eles possam perceber um ensino capaz de despertar a consciência da própria realidade, seja essa realidade social, econômica, emocional, psicológica etc., e vivenciar uma filosofia prática. O público-alvo são os(as) estudantes do Ensino Médio, o que não quer dizer que as atividades, reflexões e conclusões desta pesquisa não possam ser utilizadas em outros níveis educacionais.

Palavras-chave: Sócrates; educação; método; filosofia; ensino.

ABSTRACT

The objective of this research is to understand and analyze the wisdom of Socrates and his possible contributions to education with regard to the teaching-learning process, especially for the teaching of philosophy. From the reflection of certain practices used by Socrates such as “irony” and “maieutics”, we seek to evaluate how these postures can be useful in the classroom and how they can foster a school environment capable of producing teaching-learning where students can become increasingly active and protagonists in the construction of their own knowledge. Thus, the objective is to increase students' involvement with philosophy, in which they can perceive teaching capable of awakening awareness of their own reality, be it social, economic, emotional, psychological, etc., and experience a practical philosophy. The target audience is high school students, which does not mean that the activities, reflections and conclusions of this research cannot be used at other educational levels.

Keywords: Socrates; education; method; philosophy; teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quadrado desenhado por Sócrates	39
Figura 2 – Linhas traçadas por Sócrates no quadrado inicial	40
Figura 3 – Medida do lado do quadrado maior e menor	40
Figura 4 – Área do quadrado calculada pelo jovem escravo	41
Figura 5 – Nova figura proposta por Sócrates	41
Figura 6 – Medidas ao lado do quadrado proposto pelo jovem escravo	42
Figura 7 – Medidas do lado do quadrado proposto pelo jovem escravo	43
Figura 8 – Medidas do lado do quadrado proposto pelo jovem escravo	43
Figura 9 – Quadrado de 8 pés alcançado e problema geométrico solucionado pelo jovem escravo, mediante as perguntas de Sócrates (maiêutica) .	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Categoria e expectativas das perguntas do questionário	53
---	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	AFINAL, QUEM FOI SÓCRATES?	18
2.1	Sócrates descrito por Aristófanes	19
2.2	Sócrates descrito por Xenofonte	22
2.3	Sócrates descrito por Platão	26
3	O MÉTODO PEDAGÓGICO DE SÓCRATES	29
3.1	A “ironia” socrática	29
3.1.1	<i>A indagação do método refutativo: “o que é x?”</i>	30
3.1.2	<i>A busca socrática do eîdos</i>	31
3.1.3	<i>Os efeitos da “ironia” socrática</i>	33
3.1.3	<i>Da importância de escutar o outro</i>	34
3.1.4	<i>O “só sei que nada sei” socrático</i>	35
3.2	Maiêutica: o “parto” das ideias	36
3.2.1	<i>Reminiscência: aprender é recordar o que estava adormecido</i>	38
3.2.2	<i>A real função do mestre</i>	46
3.2.3	<i>Sócrates versus Sofistas</i>	47
3.3	A sabedoria de Sócrates como postura pedagógica e suas possíveis contribuições para o ensino de filosofia	48
4	A APLICABILIDADE DA SABEDORIA SOCRÁTICA EM SALA DE AULA E SEUS RESULTADOS	49
4.1	Descrição da escola, das turmas e do perfil dos(as) alunos(as)	49
4.2	Descrição do método, dos materiais utilizados e dos dados a serem coletados	51
4.3	Da organização dos dados coletados e análise das respostas ao questionário	58
4.3.1	<i>Primeira pergunta</i>	58
4.3.2	<i>Segunda pergunta</i>	59
4.3.3	<i>Terceira pergunta</i>	60
4.3.4	<i>Quarta pergunta</i>	61
4.3.5	<i>Quinta pergunta</i>	62
4.3.6	<i>Sexta pergunta</i>	62

4.3.7	<i>Sétima pergunta</i>	63
4.3.8	<i>Oitava pergunta</i>	64
4.3.9	<i>Nona pergunta</i>	64
4.3.10	<i>Décima pergunta</i>	65
4.4	Considerações sobre os dados e resultados obtidos	66
5	CONCLUSÃO	68
	REFERÊNCIAS	72
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DESTA PESQUISA	74
	APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO À REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA	77
	APÊNDICE C – CARTA DE SOLICITAÇÃO DE APRECIÇÃO DE PROJETO AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – CEP/UFC/PROPESQ	78
	APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIDO QUE OS(AS) PARTICIPANTES ASSINARAM PARA PARTICIPAR DESTA PESQUISA	79
	APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DE FIEL DEPOSITÁRIO	81
	APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE ORÇAMENTO	82
	APÊNDICE G – CRONOGRAMA DAS ETAPAS DO PROJETO DESTA PESQUISA	83
	ANEXO A – FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS	85
	ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP - - APROVADO PELO COMITÊ DE ÉTICA DA PLATAFORMA BRASIL	86

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar e compreender a sabedoria de Sócrates como uma possibilidade de uma postura pedagógica, pensando em um ensino-aprendizagem onde o professor não seja mais só um mero transmissor de conteúdos, mas um facilitador que é capaz de promover um ambiente em sala de aula onde alunos, em vez de se sentirem apenas expectadores ou meros coadjuvantes nesse processo, se tornem cada vez mais responsáveis e protagonistas na construção do próprio conhecimento.

E qual seria a proposta desse protagonismo? Despertar nos estudantes um ensino mais atuante por parte deles, um espaço escolar que permita que eles possam falar, refletir e, acima de tudo, se expressar.

A partir dessa perspectiva, a educação aqui consiste numa provocação e numa ocasião. O educador é aquele que provoca o educando, forçando a sua desinstalação. Toda a desinstalação supõe uma reeducação: abandono do “bem-estar” do mundo das sombras, portanto da ignorância, para o mundo da realidade. Todo esse processo educativo poderá ser dolorido, pois exige esforço, provoca mudanças, e a experiência humana mostra que abrir-se à novidade da realidade, por vezes, não é uma tarefa fácil. (TEIXEIRA, 1999, p. 63).

Para isso, o professor deverá assumir, assim como Sócrates, uma postura de um “orientador”, o qual conduzirá os seus alunos para esse protagonismo, levando-os, além disso, à reflexão sobre a própria vida e os desafios a serem enfrentados por cada um em suas respectivas realidades.

Claro, alguém poderia questionar: “mas, não seria algo anacrônico, para os dias atuais, fundamentar um método pedagógico em Sócrates?” Compreende-se que não. Sua filosofia, assim como a de muitos pensadores, continua sendo atual, capaz de nos levar à reflexão, ao debate e, principalmente, a mudanças de posturas e atitudes diante da vida, sobretudo em relação à educação.

Não é à toa que Sócrates é considerado um dos clássicos da história da filosofia. E o que significa ser um dos clássicos? Bom, para compreender melhor essa ideia, o “clássico” precisa, primeiramente, ser diferenciado daquilo que é “arcaico”. Ora, “arcaico” se refere a algo que remete ao passado e que, de certa maneira, já foi superado, que é ultrapassado, que não faz mais sentido ser atual ou ser presente. Por outro lado, aquilo que é “clássico”, mesmo sendo de um passado bem distante, continua sendo atual, faz sentido continuar sendo presente. Sendo assim, nem tudo

aquilo que é do passado é necessariamente algo obsoleto e arcaico, pois poderá ser algo clássico. É o caso de Sócrates, mesmo passados os anos, ele permanece atual, contribuindo com suas reflexões e inspirações filosóficas ainda hoje.

Assim, como já foi mencionado, a grande finalidade desta pesquisa, inspirada na sabedoria socrática, é suscitar uma postura pedagógica mais estimulante para os jovens, onde eles se sintam mais ativos no processo de ensino-aprendizagem. Mas, para isso, se torna necessário compreender alguns pontos fundamentais, tais como:

- Entender os principais conceitos e ideias pedagógicas de Sócrates e refletir sobre suas possíveis contribuições para o ensino de filosofia;
- Relacionar os conteúdos dados em sala de aula com a realidade particular dos estudantes;
- Refletir sobre as dificuldades mais relevantes enfrentadas pelos estudantes, como também a realidade a qual a escola encontra-se inserida, a fim de possibilitar uma melhor compreensão dos assuntos/temas vistos em relação com a realidade da turma;
- Apresentar uma proposta de atividades na qual os estudantes possam dialogar com os conteúdos vistos em sala de aula com a própria realidade e experiências particulares a fim de expressar suas próprias compreensões.

Portanto, a relevância desta pesquisa é fazer uma análise e reflexão sobre a possibilidade de uma postura pedagógica em Sócrates, com a finalidade de conduzir os estudantes a uma prática escolar mais atuante, capaz de instigá-los a pensar sobre a própria realidade e, assim, enfrentar os desafios do dia a dia com mais criticidade e sabedoria.

Para isso, é importante ver a realidade do aluno (social, econômica, familiar e etc...). Partindo dessa perspectiva e, fundamentadas as questões sobre a sabedoria socrática, a presente pesquisa tem como desafio e importância, pensar um processo de ensino-aprendizagem mais preocupado com a formação dos jovens em sua amplitude, valorizando as questões éticas e humanas.

Somos desafiados a pensar uma educação integral, que supere os unilateralismos de nossos sistemas educacionais. Isso implica formar o homem em todas as suas dimensões e não somente na dimensão intelectual. Parece-nos insuficiente educar apenas o indivíduo competente e capaz de competir e fazer parte do mercado de trabalho. Urge, também, e sobretudo, educar e formar o homem ético, participante de uma comunidade humana e,

como tal, incidente sobre a sua realidade social, transformando-a. (TEIXEIRA, 1999, p. 8).

O fato é que a nossa tecnologia evoluiu, e continua evoluindo, mas isso não quer dizer que, com o avanço da tecnologia, nós tenhamos também evoluídos como seres humanos. É por esse motivo que se faz necessário pensar uma educação que esteja para além da mera transmissão de conteúdos, para além de um ensino puramente técnico, onde as questões éticas, afetivas e humanas são deixadas de lado, ou pelo menos, não são vistas com a mesma intensidade e prioridade.

Guiados por tais inquietações, podemos ressaltar o que é dito por Platão em *As Leis* (766a), a qual afirma que o ser humano é um animal que tem uma grande capacidade de se converter num dos animais mais divinos, caso receba uma educação adequada. Mas, também pode, esse mesmo indivíduo, se transformar na criatura mais selvagem de todas, caso receba uma má educação. Mas afinal, o que significa receber uma “educação adequada”? Que posturas pedagógicas Sócrates utilizava? Por quê? E, quais seriam as possíveis contribuições dessa sabedoria socrática como postura pedagógica para o ensino de filosofia?

Ora, sobre a significância da sabedoria dos textos platônicos, o qual analisaremos para compreender a sabedoria pedagógica socrática, Jaspers escreveu: “Em Platão se encontram e dele provêm quase todos os temas da filosofia. Parece que nele a filosofia encontra seu fim e o seu começo. Tudo o que a precedeu parece servi-la, tudo o que se lhe segue parece comentá-la”. (1963, p. 286).

É tomando essa mesma perspectiva que avançaremos a nossa pesquisa a fim de refletir sobre as questões levantadas, visto que Sócrates permanece atual, sendo ainda centro de grandes pesquisas, debates e interpretações, sobretudo no que diz respeito à sua notoriedade sobre a educação e suas possíveis contribuições pedagógicas para um ensino-aprendizagem de filosofia (Cf. TEIXEIRA, 1999, p. 7).

No *Mênon* de Platão, podemos encontrar um exemplo típico dessa sabedoria socrática, diálogo no qual há uma investigação sobre a “virtude”, e se ela pode ou não ser ensinada.

Mênon: podes dizer-me, Sócrates, se é possível ensinar a virtude? Ou não é ensinável, e sim resultado da prática? Ou nem uma coisa nem outra, o ser humano a possuindo por natureza ou de alguma outra forma? [...]

Sócrates: Não é tarefa fácil, mas permaneço disposto a dar o melhor de mim para o teu benefício. (70a-82a).

Diante dessa discussão, Sócrates demonstra uma postura pedagógica, o qual, como podemos observar, fundamenta e guia todas as questões levantadas nesta pesquisa.

Assim, esta pesquisa assume como fundamento teórico e metodológico a sabedoria socrática como uma possibilidade de uma postura pedagógica, procurando compreender a “ironia socrática” e a “maiêutica” como desdobramentos dessa sabedoria para o ensino-aprendizagem, sobretudo no ensino de filosofia.

A “ironia” socrática constitui a primeira etapa do método pedagógico de Sócrates, sendo ela, diante desse ponto de vista, apenas uma parte desse processo. Ora, quais seriam as possíveis contribuições da “ironia socrática” para a educação? Para responder tal indagação, é preciso refletir sobre os possíveis efeitos provocados no pensamento dos interlocutores (no caso, nos estudantes) após uma conversa utilizando o método de Sócrates.

Outras indagações seriam: como a “ironia” socrática pode ser capaz de auxiliar os alunos à reflexão? Que caminhos podemos transitar com a “ironia socrática” para sermos capazes de abrir espaços nos quais os estudantes possam explorar suas próprias reflexões? Qual seria a principal finalidade da “ironia” socrática em sala de aula? Por quê? Como atingir tal finalidade? E, como a “ironia socrática” pode contribuir pedagogicamente para o ensino de filosofia? Sobretudo no Ensino Médio?

O método pedagógico socrático atinge o seu apogeu na “maiêutica” (em grego *maieúesthai* significa “dar à luz”). No diálogo platônico *Teeteto* (150c), Sócrates se compara com as parteiras, porém, com uma função superior a elas, segundo ele. Pois, em vez de ajudar a dar à luz a crianças, ele ajuda os seres humanos a dar à luz ao conhecimento.

Diante dessa perspectiva, o “mestre”, ou seja, o professor-orientador, não seria mais aquele que deposita conteúdos em seus discípulos, no caso os alunos, como se esses fossem recipientes vazios que recebem tais “saberes” passivamente sem sequer questionarem ou refletirem sobre aquilo que estão aprendendo. Podemos perceber que a proposta pedagógica socrática tem a grande capacidade de criar um ambiente para um diálogo, uma comunicação entre o mestre (professor) com os seus discípulos (alunos), os quais, com indagações pontuais e com as devidas orientações do professor, podem construir um conhecimento de forma mais atuante e autônomo.

Como vimos, o método socrático é dividido em dois momentos fundamentais

1. Refutação ou ironia – etapa em que Sócrates interrogava seus interlocutores sobre aquilo que pensavam saber, formulando-lhes perguntas e procurando evidenciar suas contradições. Seu objetivo era fazê-los tomar consciência profunda de suas próprias respostas, das consequências que poderiam ser tiradas de suas reflexões, muitas vezes repletas de conceitos vagos e imprecisos;
2. Maiêutica – etapa em que Sócrates propunha aos discípulos uma nova série de questões, com o objetivo de ajudá-los a conceber ou reconstruir suas próprias ideias. Por isso, essa fase é chamada de maiêutica, termo que em grego significa “arte de trazer à luz. (COTRIM, 2010, p. 185).

Dessa forma, quando os alunos forem produzir seus diálogos e reflexões entre os conteúdos filosóficos vistos em sala de aula com a própria realidade particular de cada um, eles serão orientados pelo professor, de maneira socrática, a fim de articular o processo de ensino-aprendizagem que esta pesquisa propõe.

A ideia é que o aluno possa pensar por si mesmo. E que possa respeitar o pensamento do outro. Muitas vezes, ouvindo o outro ele reflete sobre a sua opinião. Isto significa continuação, ampliação ou mudança de opinião. Essa a finalidade do confronto de opiniões. A maravilha está aí. [...] é resultado da ligação que o aluno estabelece entre o que aprendeu e a sua realidade cotidiana, da possibilidade de estabelecer ligações entre o que se aprende e o que se conhece, e também da possibilidade de utilizar o conhecimento em outras situações. (VELLOSO, 2012, p. 20).

Portanto, tendo em vista essa perspectiva, a pesquisa toma como fundamento teórico e metodológico a proposta pedagógica utilizado por Sócrates, a qual se mostra capaz de produzir um ambiente em sala de aula onde os alunos, no processo de ensino-aprendizagem e na construção do próprio saber, possam dialogar, refletir e, principalmente se expressar.

Para a realização dessa pesquisa, a investigação e reflexões sobre as indagações vistas anteriormente, ficaram divididas nos seguintes capítulos.

No segundo capítulo, é feita a seguinte indagação: “Afim, quem foi Sócrates?”. A relevância dessa pergunta, e sua reflexão, está na importância de descrever e deixar claro qual “Sócrates” fundamenta a pesquisa, uma vez que existem várias fontes as quais descrevem um “Sócrates” distinto. Essa temática, como poderemos ver adiante, ficou conhecida como “a questão socrática” ou “o problema de Sócrates”. Entre as fontes e descrições mais famosas de “quem é Sócrates”, será apresentado, neste capítulo, as de Aristófanes, Xenofonte e a de Platão, sendo a última descrição o “Sócrates” escolhido para guiar a fundamentação desta pesquisa.

No terceiro capítulo, é realizada a compreensão e reflexões sobre o método pedagógico de Sócrates, em que analisamos as duas etapas dessa metodologia: a “ironia socrática” e a “maiêutica”. Na “ironia socrática”, passamos por alguns

subtópicos, tais como: “a indagação do método refutativo: ‘o que é x?’”, “a busca socrática do *eîdos*”, “os efeitos da ‘ironia socrática’”, “da importância de escutar o outro” e, por fim, o “só sei que nada sei socrático”. Na “maiêutica”, também passamos por subtópicos, como: “reminiscência: aprender é recordar o que estava adormecido”, “a real função do mestre” e “Sócrates versus sofistas”. Por fim, terminamos o terceiro capítulo com a reflexão sobre “a sabedoria socrática como possibilidade de uma postura pedagógica e suas possíveis contribuições para o ensino de filosofia”.

Já no quarto capítulo, abordaremos a “a aplicabilidade da sabedoria socrática em sala de aula e seus resultados”. Para isso, será feita a descrição do questionário, que contém dez perguntas abertas, como foi realizado, as expectativas e, por fim, faremos a análise dos dados coletados para podermos tirar as devidas reflexões e conclusões sobre as possíveis contribuições da sabedoria socrática para o ensino de filosofia.

2 AFINAL, QUEM FOI SÓCRATES?

Quem foi Sócrates?

A resposta para essa pergunta pode até parecer simples, mas não é tão simples quanto imaginamos. Mas a onde estaria tal dificuldade? No impasse em analisar várias fontes que descrevem quem foi Sócrates, visto que ele mesmo não escreveu nada, o que torna a questão ainda mais complicada. Na história do pensamento filosófico, tal temática ficou conhecida como “a questão socrática” ou mesmo “o problema Sócrates”¹.

Entre os autores que falam sobre Sócrates, podemos destacar três nomes: Aristófanes (446-386 a.C.), famoso comediógrafo que escreveu uma comédia chamada *As Nuvens*, onde Sócrates aparece como um dos personagens principais. Xenofonte (430-354 a.C.), militar, historiador, filósofo e discípulo do próprio Sócrates, que nos deixou obras como *Memorabilia*, *Apologia de Sócrates*, *Econômicos* e *Banquete*. Platão (428-348 a.C.), filósofo e discípulo de Sócrates. Platão nos deixou diversas obras nas quais Sócrates surge como protagonista em algumas delas. Dentre elas temos, por exemplo, *Alcibíades*, *Lísis*, *Mênon*, *Apologia de Sócrates*, *O Banquete*, *Fedro*, *A República*, *Fédon*.

A questão é, se existem tantos relatos descrevendo quem foi Sócrates, como se explica a dificuldade em responder tal indagação?

Com base em tais fontes [Aristófanes, Xenofonte e Platão], a ausência de informações diretas sobre o socratismo seria então compensada, e os historiadores se encontrariam em condições de propor soluções para o problema. Ocorre, no entanto, que as fontes exibem, em níveis distintos, discrepâncias profundas entre si. (BOLZANI, 2014, p. 12).

Portanto, a razão seria as grandes diferenças apresentadas entre as descrições sobre Sócrates, criando, cada autor, uma “imagem de Sócrates” distinta uma das outras. Sendo assim, como podemos identificar quem foi Sócrates diante de vários relatos discordantes entre si? Vejamos cada um deles.

¹A chamada “questão socrática”, ou “problema de Sócrates” diz respeito às dificuldades relacionadas a toda e qualquer tentativa de encontrar, no seio de um conjunto de testemunhas díspares sobre esse filósofo fundamental e seu pensamento, as informações historicamente mais fidedignas para a construção do verdadeiro perfil do socratismo. São bem conhecidos os termos do problema: antes de mais nada, e diferente do que acontece habitualmente, esses historiadores não podem propor uma solução ao problema, com base em textos do próprio filósofo, já que, como se sabe, por alguma razão filosoficamente relevante, Sócrates nada escreveu. (Cf. BOLZANI, 2014, p. 11).

2.1 Sócrates descrito por Aristófanes

Aristófanes é considerado um dos maiores comediantes da Grécia Antiga. Suas comédias ficaram conhecidas por seu humor inteligente e sagaz, satirizando várias instituições e figuras públicas, como Sócrates em *As Nuvens*, por exemplo, onde ele é retratado como um grande charlatão.

A comédia gira em torno de Estrepsíades que, numa certa noite, não consegue dormir por causa das suas dívidas que logo seriam cobradas perante um tribunal.

Ai, ai! Ó Zeus soberano! Como são compridas as noites! Uma coisa Interminável!... Nunca mais será dia? [...] Pobre de mim, não posso dormir, mordido pela despesa, pela estrebaria e pelas dívidas! Tudo por causa desse filho aí; e ele usa cabelos compridos, cavalga, guia uma parelha e sonha com cavalos... (*Desperta um escravo*.) Escravo, acenda a lamparina e traga-me o livro de contas para eu ver a quantas pessoas estou devendo e calcular o juros (*O escravo traz um livro, que Estrepsíades consulta com cuidado*). (ARISTÓFANES, pp. 1-2).

Depois disso, Estrepsíades tem a ideia de colocar seu filho, Fidípides, para estudar com Sócrates, onde é citado pela primeira vez em *As Nuvens*.

ESTREPSÍADES

Diga-me, você gosta de mim? [...] se por acaso você gosta de mim de verdade, do fundo do coração, meu filho, obedeça!

FIDÍPIDES

Mas precisamente em que devo obedecer-lhe?

ESTREPSÍADES

Olhe ali (*aponta a casa de Sócrates*). Você está vendo aquela portinha e aquele casebre? [...] Lá moram homens que, [...] Se a gente lhe der algum dinheiro, eles ensinam a vencer com discursos nas causas justas e injustas.

FIDÍPIDES

Ah! Já sei, uns coitados! Você está falando desses charlatões, pálidos e descalços, entre os quais o funesto Sócrates [...]

ESTREPSÍADES

Vá, eu imploro! Você, a mais querida das criaturas, vá aprender! [...] Dizem que no meio deles os raciocínios são dois: o forte, seja ele qual for, e o fraco. Eles afirmam que o segundo raciocínio, isto é, o fraco, discursando, vence nas causas mais injustas... Ora, se você me aprender esse raciocínio injusto, do dinheiro que agora estou devendo por sua culpa, dessas dívidas eu não pagaria nem um óbolo a ninguém... (Idem, pp. 5-6).

Nesse primeiro momento, Sócrates já é visto como um grande charlatão e também é associado aos sofistas, um grupo de pensadores da época que ficaram conhecidos por serem professores habilidosos na arte da retórica e na argumentação, que ensinavam os seus discípulos a vencerem seus adversários em qualquer disputa por meio das palavras. Claro, a quem pudesse pagar por tais ensinamentos.

Dessarte, os sofistas, grupo ao qual Sócrates é relacionado nesse momento, ficaram conhecidos por ensinarem retórica e sagacidade intelectual, bastantes úteis para obter êxito nos assuntos públicos ou provindos da pólis. Assim, os ensinamentos dos sofistas tinham como finalidade o desenvolvimento das habilidades da retórica, argumentação, “**jogo de palavras, raciocínios e concepções** úteis para driblar as teses dos adversários e convencer as pessoas” (COTRIM, 2011, p. 196, grifo nosso). Desse modo, muitos sentiam na época a necessidade de aprender com os sofistas, a fim de persuadir as pessoas e fazer predominar seus próprios interesses.

Todavia, os sofistas tiveram bastantes críticas, pois seus ensinamentos não se voltavam para todo o povo, mas apenas para a elite, aqueles que podiam pagar.

[...] a finalidade do movimento educacional comandado pelos sofistas não era a educação do povo, mas a dos chefes. No fundo não era senão uma nova forma da educação dos nobres. [...] os sofistas dirigiam-se antes de mais nada a um escol, e só a ele. Era a eles que acorriam os que desejavam formar-se para a política e tornar-se um dia dirigente do Estado. (JAEGER, 2013, p. 339).

Para o desespero de Estrepsíades, seu filho não aceitou a proposta de ir aprender com Sócrates, pois para ele seria uma vergonha se associar com tais pessoas. Sendo assim, o próprio Estrepsíades decide ele mesmo ir à casa de Sócrates e receber seus ensinamentos.

Chegando lá, ele [Estrepsíades] presencia alguns discípulos de Sócrates com investigações bastantes estranhas, indagavam-se sobre uma pulga, “quantas vezes ela pode saltar o tamanho dos seus próprios pés...” (ARISTÓFANES, p. 7.), e até mesmo se “os mosquitos cantam pela boca ou pela rabadilha?” (Idem, p. 8). De fato, ele observa “os discípulos de Sócrates, em atitudes estranhas” (Ibidem, p. 9). Claro, Aristófanes não ridiculariza somente Sócrates em *As Nuvens*, mas seus discípulos também, tratando-os como bobalhões e idiotas, cujas investigações não passam de uma perda de tempo.

Ora, finalmente Estrepsíades encontra Sócrates, o qual prontamente fala o motivo da sua presença ali, “desejo aprender a falar [...] ensine-me o outro dos dois raciocínios, aquele que não devolve nada. Pelos deuses, juro pagar-lhe qualquer salário que você cobrar!...” (Ibidem, p. 12). E, nesse momento, Sócrates responde “em nosso meio os deuses são moedas fora de circulação [...] Você quer conhecer claramente as coisas divinas e exatamente o que elas são? [...] E travar relações com

as Nuvens, as nossas divindades, para conversar com elas?” (Ibidem, p. 12). Onde Estrepsíades responde que sim, é claro.

Nesse momento, Aristófanes atribui a impiedade de muitos filósofos a Sócrates, fazendo alusão dele ao ateísmo, por não acreditar nos deuses da cidade, mas atribuir tal divindade às Nuvens. Sobre essa questão, abordaremos mais profundamente quando falarmos da *Apologia de Sócrates*, escrita por Platão.

Aristófanes zomba dos ensinamentos e das conversas de Sócrates, tratando sempre elas como temas sem relevância, os quais não levam a lugar algum

SÓCRATES

Alguma vez, olhando para o céu, você já não viu uma nuvem semelhante a um centauro, a um leopardo, a um lobo ou a um touro?

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, já vi. E que quer dizer com isso?

SÓCRATES

Elas se transformam em tudo o que desejam [...]

ESTREPSÍADES

Mas você ainda não me ensinou nada a respeito do estrondo e do trovão [...]

SÓCRATES

Bem, pense bem como você peidou por causa desse ventrezinho tão pequenino... E este ar, incomensurável, não é razoável que troveje intensamente?

ESTREPSÍADES

Ah! Então é por isso que até os nomes são parecidos, trovão e peidão... (Ibidem, pp. 17-19).

Assim, quando parece que haverá qualquer progresso nos diálogos entre Estrepsíades e Sócrates, o humor implacável de Aristófanes aparece

SÓCRATES

[...] quero fazer-lhe umas perguntinhas. Por acaso você tem boa memória?

ESTREPSÍADES

Sim, por Zeus, de dois jeitos. Quando me devem alguma coisa, tenho muito boa memória, mas aí de mim, quando devo, sou completamente desmemoriado...

SÓCRATES

Bem, você tem aptidões naturais para falar?

ESTREPSÍADES

Para falar, não, mas falhar sim... (Ibidem, pp. 17-19).

Após passar um bom tempo tentando ensinar alguma coisa para Estrepsíades, sem sucesso algum, Sócrates resolve mandá-lo ir embora para sua casa, pois percebeu que tudo aquilo não passava de uma grande perda de tempo, visto que ele sempre entendia tudo errado ou sempre confundia as coisas. Chegando muito decepcionado em casa, Estrepsíades não vê outra opção senão insistir novamente para que seu filho, Fidípides, vá estudar com Sócrates. Depois de uma intensa persistência, ele aceita ir.

Depois que seu filho passou um bom período com Sócrates, finalmente Estrepsíades foi buscá-lo para levá-lo para casa, na esperança que ele tenha aprendido algum ensinamento na arte da retórica e da argumentação. “E o meu filho, [...] diga-me, ele aprendeu aquele tal raciocínio?”, pergunta Estrepsíades, o qual logo responde Sócrates “Aprendeu! [...] Tanto que você poderia livrar-se de qualquer processo que desejar...” (Ibidem, p. 49). Mas, para a surpresa de todos, quando Fidípides chega em casa, ele acaba discutindo com o seu pai [Estrepsíades], xingando e batendo nele, acusando-o de criminoso.

FIDÍFIDES

Também vou bater na minha mãe, assim como lhe bati.

ESTREPSÍADES

Que diz? Que diz você? Esse crime ainda é maior!

FIDÍPIDES

Por quê? E se eu vencê-lo com palavras, sustentando o raciocínio fraco de que se deve bater na mãe? [...]

ESTREPSÍADES

Ai de mim, é um castigo penoso mas justo! Pois eu não devia negar-me a pagar o dinheiro que tomei emprestado! (ao filho.) [...] aquele canalha do Querefonte e Sócrates, eles que me enganaram [...] Ai, que falta de juízo! Como estava louco quando quis jogar fora os deuses por causa de Sócrates! (Ibidem, pp. 61-62).

Furioso com tudo que aconteceu, Estrepsíades parte rumo à casa de Sócrates para incendiá-la, mesmo com Sócrates e todos os seus discípulos lá dentro. “Vou morrer sufocado!” (Ibidem, p. 63), grita Sócrates no meio do incêndio. “[...] vocês insultam os deuses” (Ibidem, p. 63), responde Estrepsíades. É com esse cenário que encerra a comédia *As Nuvens* de Aristófanes.

Portanto, podemos perceber que o Sócrates descrito por Aristófanes em *As Nuvens* se trata de um Sócrates associado aos sofistas, sendo ele manipulador, aproveitador e, sobretudo, ateu. Bastante diferente das descrições feitas por Xenofonte e Platão. É o que veremos adiante.

2.2 Sócrates descrito por Xenofonte

Xenofonte foi um dos generais atenienses, historiador e discípulo de Sócrates, que nos deixou obras como *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*, *Apologia de Sócrates*, *Econômicos* e *Banquete*, nas quais podemos observar e compreender a imagem que ele possui sobre Sócrates.

A princípio, o “retrato” de Sócrates feito por Xenofonte, e depois Platão, é bem distinto daquele que vimos em *As Nuvens* por Aristófanes. Enquanto o comediógrafo torna-o uma pessoa cômica e depreciativa, “[...] um Sócrates sofista, que vende um ensino técnico da retórica” (BOLZANI, 2014, p. 12), com Xenofonte, vamos nos deparar com um Sócrates “profundamente voltado às questões morais, argumentador rigoroso, crítico dos sofistas e da mentalidade política vigente, modelo de compromisso ético e de probidade intelectual” (Idem, p. 12).

Na descrição de Xenofonte, também não encontramos um Sócrates ímpio, mas sim um Sócrates piedoso aos deuses. É o que podemos observar na obra *Apologia de Sócrates*, “quando os seus adversários no julgamento o acusaram de não reconhecer os deuses que a cidade reconhece, e de, em sua vez, introduzir novas divindades e corromper a juventude” (XENOFONTE, 2008, p. 104).

É que qualquer um dos que aqui estão presentes, incluindo o próprio Meleto [*um dos acusadores de Sócrates*], quando queriam, podiam ver-me a fazer sacrifícios nas festas das cidades e nos altares públicos. E quanto às novas divindades, será que consideraram que as introduzia, ao dizer o que devo fazer? Ora, os que consultam os gritos das aves e as palavras dos homens também baseiam em vozes as suas decisões. [...] E a sacerdotisa que tem o seu assento na trípole de Delfos, não anuncia, também ela, a mensagem do deus através da voz? Antes, que o deus conhece o futuro e está disposto a transmiti-lo a quem ele quiser, isso também, tal como eu o digo, todos o dizem e todos creem. [...] E esta é a prova de que não estou a mentir em relação ao deus: tendo anunciado a muitos dos meus amigos os seus sinais, em nenhum caso pareceu que me tivesse enganado. (Idem, p. 105).

Em sua obra *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*, Xenofonte declara que Sócrates vivia abertamente. Ao amanhecer, frequentava os passeios públicos, os ginásios e antes do meio-dia ele passeava pela praça do mercado. No restante do dia, ele caminhava para os lugares onde a maior parte das pessoas se encontrava, onde podia fazer seus discursos e conversar com quem estivesse disposto a escutá-lo. Diante da rotina de Sócrates, é claro para Xenofonte que “ninguém jamais o ouviu ou viu cometer impiedade ou irreligiosidade através de palavras ou ações” (XENOFONTE, 2006, p. 21). Além do que, era sabido que Sócrates realizava frequentemente sacrifício, ou em sua própria casa, ou nas devoções nos templos da cidade, recorrendo abertamente à divindade. Não é à toa que ficou conhecida “a afirmação de Sócrates de que era guiado pelo deus” (Idem, p. 19). Dessa maneira, a divindade lhe concedia sinais, as quais guiava suas próprias ações e palavras, como também “aconselhava muitos de seus companheiros a fazer isso ou não fazer aquilo em conformidade com os avisos da divindade” (Ibidem, p. 20).

Ademais, Xenofonte diz ser um absurdo os atenienses terem dado importância às acusações feitas contra Sócrates de estar corrompendo os jovens. Para ele, aqueles que se guiavam pelos princípios de Sócrates, eram levados a terem uma vida virtuosa. Sendo assim, como “poderia um tal homem corromper a juventude? Só se, porventura, constituísse corrupção fomentar a virtude” (Ibidem, p. 25).

[...] no que diz respeito ao controle dos apetites – tanto sexuais quanto do estômago – como homem do maior rigor; era extremamente resistente no que se referia a suportar o frio, o calor e todo tipo de fadiga; além disso, suas necessidades estavam tão disciplinadas pela moderação que mesmo dispondo de muito pouco, satisfazia-se positivamente. Se este era o seu próprio caráter, como poderia ter induzido outros à impiedade, ao crime, à glotonaria, ao desregramento sexual ou à indolência? Pelo contrário, em muitos eliminava esses vícios inculcando-lhes um desejo da virtude e lhes transmitindo a confiança de que a autodisciplina faria deles pessoas de bem [...] ao deixar sua própria luz brilhar levava seus discípulos a ter a expectativa de atingir tal excelência através da imitação de Sócrates. (Ibidem, p. 24).

A propósito, diferente dos sofistas, Xenofonte afirma que Sócrates não cobrava por seus ensinamentos. “[...] E que outro homem [*diz Sócrates*] conheceis mais livres do que eu, que não recebo de ninguém nem ofertas nem salário?” (XENOFONTE, 2008, p. 106). Além disso, outra característica que Xenofonte deixa claro são as reflexões socráticas sobre as virtudes, as quais levariam à prática. “[...] conheces [*diz Sócrates*] algum jovem que por minha causa tenha passado de pio a ímpio, de sensato para a insolente, de moderado a gastador, de pouco bebedor a alcoólico, de trabalhador a indolente” (Idem, p. 108). Além do mais, dos crimes que Sócrates foi acusado e condenado em Atenas, afirma ele “[...] ninguém me convenceu de ter cometido nenhum dos crimes de que me acusaram...” (Ibidem, p. 109).

Aliás, diz Xenofonte na *Apologia de Sócrates*, muitos são aqueles que testemunharão a favor de Sócrates, seja no tempo que está por vir, ou mesmo no tempo passado, demonstrando que ele nunca causou mal a ninguém e que nunca influenciou alguém a ficar pior (Ibidem, pp. 110-111). Muito pelo contrário, ele se importava com as pessoas, tanto que, ao perceber que seus discípulos e companheiros choravam pela sua condenação, ele tentou consolá-los. “Que passas? [*dizia Sócrates a um dos seus discípulos*] Agora é que vos dá para chorar? Por acaso não sabiam há muito tempo que, desde o dia em que nasci, estava sentenciado à morte?” (Ibidem, p. 111). A Apolodoro, um dos que também choravam pela sentença, ele tentava consolá-lo sorrindo e perguntando “preferias tu, [*disse Sócrates*] então, meu querido Apolodoro, ver-me morrer com justiça a sem justiça?” (Ibidem, p. 112).

No final da *Apologia de Sócrates*, Xenofonte deixa claro toda a sua grande admiração por Sócrates

Eu [*Xenofonte*], por minha vez, ao refletir sobre a sabedoria e nobreza de espírito daquele homem, não posso deixar de o lembrar, e, ao lembrá-lo, de o elogiar. Se algum dos que aspiram à virtude tiver conhecido alguém que lhe tenha trazido mais benefícios do que Sócrates, julgo que esse merecerá mais do que todos ser considerado um homem feliz. (Ibidem, p. 114).

Em Xenofonte, Sócrates é a todo momento apresentado como um exímio mestre, sempre disposto a aconselhar e a conversar com as pessoas sobre os assuntos voltados às questões morais, tais como “o que é o piedoso, o que é o ímpio, [...] o que é o justo, o que é o injusto, o que é a prudência, o que é a loucura, o que é a coragem, o que é a covardia, o que é um Estado, o que é um político, ...” (XENOFONTE, 2006, p. 23). Com isso, Sócrates apontava aos seus interlocutores o caminho da justiça, contrariando aqueles que não agiam assim.

Desde modo, Sócrates costumava dialogar nas ruas da cidade de Atenas, principalmente na praça pública, exortando as virtudes e os benefícios de uma vida virtuosa, “assumindo seu papel de educador para a vida pública” (BOLZANI, 2014, p. 13). Sendo assim, em Xenofonte, o “nosso filósofo aparece como um sábio pronto e acabado em matéria de moral, sempre a postos para aconselhar seus interlocutores a agirem de forma justa, admoestando-os quando não o fazem” (Idem, p. 13).

Ademais, em sua obra *Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates*, Xenofonte afirma que os verdadeiros mestres são aqueles que praticam aquilo que ensinam e, segundo ele, “[...] era este o caso de Sócrates” (XENOFONTE, 2016, p. 27), mostrando com seu próprio testemunho de vida que era um homem virtuoso, o qual dialogava com os seus discípulos sobre “a virtude e todas as coisas que tocam ao ser humano” (Idem, p. 27).

Portanto, podemos perceber que o Sócrates descrito por Xenofonte é um Sócrates afirmativo, que propõe definições das virtudes e encoraja os seus interlocutores a segui-las e viver uma vida coerente com elas. No entanto, mesmo sendo bem diferente do Sócrates apresentado por Aristófanes, o Sócrates de Xenofonte ainda tem suas diferenças com o Sócrates descrito por Platão. Vejamos a seguir.

2.3 Sócrates descrito por Platão

Platão escreveu diversos diálogos onde Sócrates aparece como personagem principal, tais como *Apologia de Sócrates*, *Mênon*, *Banquete*, *Fédon*, *República*, *Teeteto*, nos quais podemos observar e compreender a imagem que Platão tinha sobre Sócrates.

Inicialmente, a “imagem” de Sócrates por Platão é um pouco diferente da que vimos em Xenofonte. À medida que encontramos, em Xenofonte, um Sócrates “desfrutando e transmitindo os benefícios de suas descobertas...” (BOLZANI, 2014, p. 14), em Platão, vamos nos deparar ainda com um Sócrates virtuoso, mas essencialmente investigador e, acima de tudo, questionador, demonstrando aos seus interlocutores a falsidade de seus supostos conhecimentos.

A *Apologia de Sócrates* é, sem dúvidas, um dos diálogos mais relevantes para conhecermos o “Sócrates interrogador” de Platão, uma vez que:

De todos os textos platônicos [...] o mais próximo do pensamento socrático é certamente a *Apologia de Sócrates*. Nele, Platão apresenta o discurso que Sócrates teria feito no tribunal ateniense, em sua defesa contra as acusações de que foi vítima. [...] Nele encontramos o filósofo baseando sua defesa em sua própria filosofia, o que confere a esse texto grande importância para a compreensão do que vem a ser o “Sócrates platônico”. (BOLZANI, 2017, p. 85).

A obra se inicia com Sócrates conversando com todas as pessoas presentes ali no tribunal de Atenas sobre as acusações dirigidas contra ele, que são “corromper a juventude”, “não crer nos deuses do Estado” e “introduzir novas divindades a cidade”. Dessa forma, antes de começar a sua própria defesa, Sócrates faz algumas observações.

Em primeiro lugar, Sócrates diz que não sabe como o povo de Atenas dá ouvidos aos acusadores. Em seguida, com certa ironia, Sócrates diz que foi por pouco que não perdeu a noção da sua própria identidade “tal a persuasão com que discursaram” (PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 17a). Depois afirma que dificilmente o povo encontraria uma única verdade no que disseram, e que, das muitas mentiras que disseram ao seu respeito, a que mais chamou sua atenção foi a de que o povo de Atenas deveria ter cuidado com ele, visto que ele seria “um orador extraordinário” (Idem, 17a-b). Porém, o próprio Sócrates não se reconhecia assim, “a não ser que classifiquem como extraordinário orador alguém que fala a verdade. Se é isso o que

querem dizer, concordo que eu seja um orador” (Ibidem, 17b). Depois Sócrates afirma que tudo que falará em sua defesa será apenas a verdade, sem discursos bem elaborados, com frases ornamentadas ou qualquer tipo de apelo emocional como fazem os sofistas. Claro que aqui já podemos observar uma crítica direta aos métodos utilizados pelos sofistas, que abordaremos mais adiante.

Sócrates enfatiza ainda que, embora tenha setenta anos, é a primeira vez que ele se apresenta diante da corte de Atenas. Em seguida, Sócrates faz um pedido ao júri

[...] faço agora este pedido a vós, que a mim parece um pedido justo, no sentido de desconsiderardes minha maneira de falar – quer seja melhor ou pior – mas concentrardes vossa atenção simplesmente em discernir se o que digo é justo ou não, pois nisso consiste a virtude do juiz, ao passo que a do orador consiste em dizer a verdade. (Ibidem, 18a-b).

Diante dessa breve introdução acerca da sua defesa, já podemos observar mais uma característica marcante do Sócrates de Platão, a saber, um Sócrates preocupado tão somente com a verdade.

Num dado momento de sua defesa, Sócrates afirma algo inesperado. Diz ele: “Eu nunca fui professor de quem quer que seja” (Ibidem, 33a). Com essa afirmação, Platão não só deixa claro a diferença entre seu mestre Sócrates e os sofistas, como também pretende diferenciar os métodos utilizados por eles.

O próprio Platão, em diálogos como *Hípias menor*, *Hípias maior*, *Protágoras*, *Górgias*, *Sofista*, vai pintar retratos depreciativos e críticos desses indivíduos, sendo um de seus objetivos, em alguns desses diálogos, estabelecer clara linha divisória entre o ensino dos sofistas e a atividade de seu mestre Sócrates [...] Assim, na *Apologia*, quando nega perante seus juízes e a audiência ser um professor, Sócrates tenta mostrar-lhes que sua atividade diária de diálogo e interrogação não deve ser equiparada a qualquer procedimento de transmissão de conhecimentos de qualquer natureza, sobretudo das regras típicas da arte da persuasão – nesse sentido, portanto, que nos é tão familiar, ele recusa categoricamente a denominação de “professor” (BOLZANI, 2017, p. 87).

O Sócrates de Platão é, antes de tudo, um Sócrates interrogador, um refutador, ou seja, um dialético. Diferente da metodologia adotada pelos sofistas, Sócrates não está preocupado em ser apenas um mero transmissor de conhecimentos, mas em realizar uma prática refletida e crítica, de modo que seus interlocutores tenham consciência dos limites da própria ignorância.

É por produzir esse efeito nas pessoas que Sócrates vai esclarecer, num determinado momento da *Apologia*, o porquê dos jovens gostarem tanto de escutá-

lo e de o acompanhá-lo por vontade própria. Ora, ao presenciarem a metodologia socrática, assistindo muitos “sendo examinados”, eles buscavam imitá-lo em suas investigações, “efetuando suas próprias inquirições”. Fazendo isso, Sócrates diz que os jovens começavam a descobrir, também, “uma grande quantidade de pessoas que julgam saber algo, quando pouco ou nada conhecem”.

[...] ponho-me à disposição igualmente de ricos e pobres; faço perguntas e todo aquele que desejar está facultado a responder-me e ouvir o que tenho a dizer. [...] Se alguém declarar que aprendeu algo de mim, ou que ouviu privadamente algo que outros não ouviram, estejais certos que esse indivíduo está mentindo. Mas, então, por que algumas pessoas apreciam passar muito de seu tempo em minha companhia? Ouvistes a razão disso, [...] gostam de ouvir o questionamento das pessoas que julgam serem sábias e não são. Isso é divertido. (PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 33a-c).

Ora, o grande objetivo disso, depois que o interlocutor toma consciência do próprio desconhecimento sobre as coisas, é provocar um anseio em investigar e saber mais sobre aquilo que se acreditava saber. Ou seja, é produzir um “estado favorável à permanência na investigação” (BOLZANI, 2017, p. 108).

Sócrates, o filósofo-modelo, representa aquilo que, para Platão, define a própria filosofia, algo que seus diálogos, como sabemos, vão desdobrar e conduzir a regiões até então inexploradas. A defesa de seu mestre é a defesa de um modo de vida e de pensamento, de uma atitude, de uma existência, que ele, de um ponto de vista que já é também seu, encontra no mestre, mas que ele próprio desdobra, refina, e que farão de Sócrates, para o bem e para o mal, o símbolo filosófico por excelência. (BOLZANI, 2014, p. 30).

Claro, não podemos esquecer da questão inicial: “o problema Sócrates”. Ora, a importância de trazer à tona tal problemática, sem ter a pretensão de resolvê-la, uma vez que não é o foco desta pesquisa, foi o de revelar as diversas possibilidades filosóficas que podemos encontrar com as variadas “figuras” de Sócrates.

Feito isso, cabe ressaltar que são os diálogos de Platão que guiarão a nossa reflexão sobre o tema da educação à luz da postura e da sabedoria socrática, pois são neles que podemos observar um rigor mais filosófico ao descrever o pensamento de Sócrates. E nisso eu tenho que concordar com Bolzani: “o tema de um sentido socrático de educação é, inegavelmente, muito mais interessante quando abordado pelo ótica dos diálogos platônicos” (BOLZANI, 2017, p. 85).

3 O MÉTODO PEDAGÓGICO DE SÓCRATES

A obra *Mênon* é, sem dúvidas, um dos diálogos de Platão mais impactantes para observarmos a sabedoria de Sócrates como uma possibilidade para uma postura pedagógica em sala de aula, tal sabedoria se desdobrando na “ironia” e na “maiêutica” socrática. A princípio, Mênon questiona Sócrates se é possível ensinar a virtude.

Mênon: podes dizer-me, Sócrates, se é possível ensinar a virtude? Ou não é ensinável, e sim resultado da prática? Ou nem uma coisa nem outra, o ser humano a possuindo por natureza ou de alguma outra forma? (PLATÃO, *Mênon*, 70a).

Sócrates tinha conhecimento que Mênon pertencia a uma nobre família da Tessália, além dele ter sido discípulo de Górgias, um exímio sofista da época. Levando isso em consideração, Sócrates assume uma postura de total ignorância sobre o assunto.

Sócrates: [...] Tu me consideras alguém especialmente afortunado a ponto de ser capaz de dizer se é possível ensinar a virtude ou como fazê-lo. Estou tão longe de saber se pode ser ensinada ou não que sequer sei realmente o que é a própria virtude. [...] Só me resta censurar-me por minha completa ignorância acerca da virtude. (Idem, 71a-b.).

Aqui, já podemos identificar uma das características centrais dessa postura pedagógica de Sócrates, a conhecida “ironia” socrática.

3.1 A “ironia” socrática

O termo “ironia” deriva do grego “*εἰρωνεία*” que significa “dissimulação”. Sendo assim, com a “ironia”, Sócrates dissimula uma absoluta ignorância em relação ao assunto a ser tratado.

Dessa maneira, Sócrates continua dizendo “[...] se eu desconheço o que é uma coisa (no caso, a virtude), como poderia saber qual é sua natureza?” (Ibidem, 71b). Além do mais, afirma ele “jamais topei com alguém que, na minha opinião, o soubesse” (Ibidem, 71c).

Assim, exaltando e glorificando os tessalios por serem renomados e manterem seus prestígios e riquezas, além de possuírem a fama por seres sábios, Sócrates diz para Mênon se ele tivesse feita a pergunta para um tessalio, certamente ele teria uma sábia resposta sobre o assunto, principalmente por ter sido Górgias o

responsável pela sabedoria dos tessalianos (Ibidem, 70a-b). Nesse momento, Mênon pergunta se ele não teria se encontrado com Górgias

Sócrates: Mênon, já há muito tempo os tessalianos se mantiveram renomados e objeto de admiração entre os gregos devido à sua equitação e riquezas [...] gozam de prestígio também, [...] por sua sabedoria, especialmente os concidadãos de teu amigo Aristipo, cidadãos de Larissa. O responsável por isso é Górgias, [...].

Mênon: O quê? Não encontrei com Górgias quando ele esteve aqui?

Sócrates: Encontrei-me.

Mênon: E não julgaste que ele sabia? (*o que seria a virtude*).

Sócrates: Minha memória falha totalmente, Mênon, de modo que não tenho condição de dizer-te de momento qual a impressão que ele me causou na ocasião. Talvez ele o soubesse, e tu saibas o que ele declarou. Assim, faz-me lembrar como se pronunciou a respeito disso. Ou se o quiseres, faz tuas próprias declarações, pois evidentemente partilhas das opiniões dele.

Mênon: Partilho. (Ibidem, 70a-71d).

Desde modo, após demonstrar completa ignorância sobre o assunto (a “ironia” socrática), Sócrates inicia o seu método refutativo, típico do Sócrates investigador descrito por Platão, como vimos anteriormente.

A maior característica das refutações socráticas é a pergunta central “o que é x?”. Neste caso, “x” seria a “virtude”, tema em questão. Logo depois, Sócrates inicia uma sucessão de perguntas cujo objetivo é observar as contradições e as possíveis incompletudes das definições dos interlocutores.

3.1.1 A indagação do método refutativo: “o que é x?”

O grande objetivo da indagação socrática sobre “o que é x?” é tentar definir o que é “x”, antes mesmo que se pretenda atribuir a “x” qualquer predicado “y”. Portanto, podemos concluir que, para que sejamos capazes de responder se “x” (no caso a virtude) é “y” (ou seja, passível de ser ensinada como perguntou Mênon a Sócrates), devemos, em primeiro lugar, saber o que é “x” (a virtude).

Em outros termos, o filósofo está dizendo: para ensinar X, é preciso saber o que é X – se houver um método de ensino, ele se mostrará como decorrência do domínio cognitivo do objeto de ensino. Essa tese é consequência inevitável da identificação da virtude como algo que se adquire por conhecimento, condição para que possa ser ensinada (BOLZANI, 2017, p. 99).

Diante de tal raciocínio, Sócrates pede para Mênon defina “o que é x?”, ou seja, defina o que é a virtude:

Sócrates: Mas Mênon, pelos deuses, o que tu próprio pensas que é a virtude? Não te negues a se manifestar, de modo que eu possa concluir que incorri na mais afortunada das mentiras ao afirmar que nunca topei com alguém que soubesse [o que é a virtude], já que tu e Górgias mostram que sabem. (PLATÃO, *Mênon*, 71d).

Feita a pergunta “o que é x?”, Sócrates vai iniciar a outra etapa da sua metodologia que é a refutação, a qual pretende verificar se existe contradições em sua afirmação. Também podemos chamar essa fase do método de Sócrates como “a busca do *eîdos*”.

3.1.2 A busca socrática do *eîdos*

Quando Sócrates instiga os seus interlocutores a responderem a indagação “o que é x?” (no caso de Mênon, o que é a “virtude”), ele na verdade busca como resposta o *eîdos* de “x”, isto é, o aspecto único e imutável que caracteriza “x”. (JAEGER, 2013, p. 707).

Porém, não é o que a maioria dos interlocutores de Sócrates compreende. É o que podemos observar com a resposta de Mênon ao responder o que é a virtude.

Mênon: Ora, não vejo dificuldade, Sócrates, em dizer-te. Em primeiro lugar, se queres considerar a *virtude de um homem*, é fácil declarar que a virtude de um homem consiste em ter capacitação para administrar os negócios de seu Estado, e ao administrá-los promover o benefício aos seus amigos e o dano aos inimigos, cuidando para não atrair dano para si mesmo; se queres considerar a *virtude de uma mulher*, não há dificuldade em descrevê-la como a obrigação de administrar bem a casa, manter as posses desta e submeter-se ao marido. Quando à criança, sua virtude consiste também numa outra coisa, uma para a menina (feminina) e outra para o menino (masculina), havendo uma outra para o homem idoso; e, se o queres, uma o homem livre, e uma outra para o escravo. E há, ademais, uma grande multiplicidade de outras virtudes, de maneira que não há embaraço quanto a dizer o que é a virtude.

Sócrates: Pareço estar numa grande onda de boa sorte, Mênon, pois ao procurar por uma virtude, descobri um enxame de virtudes em teu poder. (PLATÃO, *Mênon*, 71e-72a).

Diante dessa resposta de Mênon, o qual diz que aprendeu com Górgias uma multiplicidade de virtudes (*as virtudes do homem, da mulher, da criança, do adulto, do idoso, do escravo, do homem livre entre outras virtudes*), Sócrates comenta com certa ironia que descobriu que Mênon tem em seu poder um enxame de virtudes. (Idem, 71e-72a).

Sendo assim, Sócrates compara essa grande variedade de virtudes apresentadas por Mênon com um enxame de abelhas, dado que elas também são

muitas e variadas. Contudo, mesmo diante de tantas variações de abelhas, como “sua beleza, tamanho ou alguma outra qualidade” (Ibidem, 72b), elas têm que ter algo em comum, o que torna cada umas delas uma abelha. Portanto, o que existe de essencial em todas as abelhas é o seu *eîdos*, aquilo que todas as abelhas devem possuir necessariamente. Do mesmo modo, declara Sócrates, deverá ser com relação à virtude.

Sócrates: E do mesmo modo com relação às virtudes, independentemente de sua multiplicidade e variedade, possuem elas todas um caráter comum que as torna virtudes, e que evidentemente seria acertado observar ao responder clara e definitivamente o que é a virtude. Ou não entendes o que quero dizer? (Ibidem, 72c-d).

Dessa forma, quando Sócrates pergunta “o que é x?”, no caso o que é a “virtude”, ele não quer saber sobre seus aspectos relativos e particulares, mas sim qual seria o seu caráter único e imutável, o *eîdos* como denomina Platão (JAEGER, 2013, p. 707). Logo, quando desejamos saber o que é “saúde”, “educação”, “política” e etc., buscamos, na verdade, o *eîdos*, aquilo que caracteriza, que sempre permanece em todos os casos particulares e variados.

Em vista disso, Sócrates conclui que Mênon citou “várias virtudes”, ou seja, como a virtude se manifesta em casos particulares, porém não respondeu o que é a virtude em si mesma. Em outras palavras, o que essa multiplicidade de virtudes que ele apresentou têm em comum? Isto é, qual o seu *eîdos*? Visto que é esse o objetivo da pergunta socrática “o que é x?”, saber o *eîdos* de “x”, nesse caso, o *eîdos* da virtude.

Depois de refutar a primeira tentativa de Mênon definir o que é a virtude, Sócrates pede novamente para que ele responda o que é a virtude, com a simples finalidade, dessa vez, de encontrar o *eîdos* dela. Isso posto, Mênon responde que a virtude é:

Mênon: Simplesmente estar capacitado a governar os seres humanos, se estás em busca de uma descrição que abranja a totalidade dos casos (*no caso, o eîdos*).

Sócrates: É exatamente aquilo que busco. Mas a virtude é a mesma Mênon, numa criança e num escravo, ou seja, uma capacidade de cada um deles governar seu senhor? Pensas que aquele que governa permanece sendo um escravo?

Mênon: Eu opinaria que certamente de modo algum, Sócrates. (PLATÃO, *Mênon*, 73c-d).

Sendo assim, como podemos observar, depois que Mênon propôs sua segunda definição sobre a virtude, que é “simplesmente estar capacitado a governar os seres

humanos”, Sócrates mais uma vez o refuta com o seguinte raciocínio: se a virtude fosse realmente como Mênon está sugerido, como poderia dizer que uma criança ou mesmo um escravo conseguiriam ser virtuosos, considerando que eles não estão aptos a governar outras pessoas, uma vez que Mênon afirmou anteriormente que tanto as crianças como os escravos possuem virtudes também? (Idem, 71e-72a). Mais uma vez, Mênon entra em contradição.

Porém, após uma série de novas perguntas, Sócrates tenta novamente extrair de Mênon o *eîdos* (o que caracteriza) a virtude, mas, como podemos observar em seguida, sem nenhum êxito.

Mênon: Penso que a coragem é uma virtude, tanto quanto a moderação, a sabedoria e a magnificência; há, ademais, muitíssimas outras.

Sócrates: Mais uma vez encontramos-nos no mesmo apuro, Mênon. Novamente descobrimos uma multiplicidade de virtudes, quando buscamos uma, ainda que não do mesmo modo como fizemos há pouco. O fato é que não fomos capazes de descobrir aquela que abrange todas as demais. (Ibidem, 74a).

Portanto, Mênon não consegue responder a questão socrática “o que é x”, ou seja, “o que é a virtude”, o seu *eîdos*, aquilo que vai caracterizar todas as virtudes, isto é, o que todas as virtudes possuem em comum umas com as outras.

3.1.3 Os efeitos da “ironia” socrática

Sem obter resultado efetivo algum, pois Sócrates refutou todas as suas tentativas de definir e responder “o que é a virtude”, Mênon chega ao seu limite e compara Sócrates a um “largo e chato peixe marinho torpedo”

Mênon: Sócrates, antes de conhecer-te costumavam me dizer que o estado em que te encontras regularmente é um estado de perplexidade, ao qual também conduzes os outros, e agora, minha opinião é a de que estás simplesmente enfeitiçando-me com teus sortilégios e poções, que me levaram à completa perplexidade. E se tenho realmente direito a um gracejo, diria que tanto em tua aparência quanto em outros aspectos és sumamente semelhante ao *largo peixe marinho torpedo*, pois ele entorpece todo aquele que se aproxima e o toca, e penso que foi algo desse tipo que produziste em mim agora. Verdaderamente, sinto minha alma e minha língua completamente entorpecidas e estou confuso quanto a que resposta dar-te. E, todavia, em inúmeras ocasiões proferi fartos discursos acerca da virtude diante de audiências... e ótimos discursos, pela minha avaliação; entretanto, agora não consigo emitir uma palavra sobre o que ela é. (Ibidem, 80a-b).

Talvez esse seja mesmo o efeito produzido pela “ironia” socrática, como a de um peixe marinho torpedo, tal como comparou-o Mênon. Mas, será que a “ironia”

socrática seria apenas uma parte da metodologia de Sócrates para somente ridicularizar seus interlocutores? É evidente que não.

Ora, um dos principais efeitos da “ironia” socrática é incentivar a reflexão sobre os conhecimentos que julgamos possuir e, a partir desse exercício, tomarmos consciência da nossa própria ignorância, “caindo por terra” o nosso orgulho, vaidade, presunção ou qualquer tipo de arrogância que prejudique o processo na busca do conhecimento verdadeiro das coisas. Portanto, a “ironia” socrática tem como principal efeito a tomada de consciência da própria ignorância, pois, o pior “ignorante é aquele que não se julga ignorante. Como não se julga ignorante, ele é incapaz de se libertar de sua própria ignorância”. (FREITAS, 2020, p.78).

No entanto, quando essa tomada de consciência não acontece, depois da “ironia” socrática, é normal que as pessoas, que julgam ser sábias, passem a ficar com raiva e odiar aquele que as fez perceber a fragilidade dos próprios argumentos. É o que nos lembra Platão na *Apologia de Sócrates*.

Dirige-me a um desses indivíduos que gozam da reputação de ser sábio, [...] após conversar com ele pareceu-me julgar-se sábio a muitas pessoas e especialmente a si mesmo, mas não era. Procurei em seguida mostrar-lhe que ele se julgava sábio, mas não era. O resultado foi ele passar a não gostar de mim, bem como muitos dos presentes. À medida que me afastava, pensei comigo: “Sou mais sábio do que esse homem; nenhum de nós dois realmente conhece algo admirável e bom, entretanto eu, como nada conheço, não julgo que conheço. Portanto, é provável, de algum modo, que nessa modesta medida seja eu mais sábio do que esse indivíduo – no fato de não julgar que conheço o que não conheço”. (PLATÃO, *Apologia de Sócrates*, 21a-e).

Em vista disso, a verdadeira sabedoria começa quando sabemos que não sabemos, podendo assim o indivíduo aprender mais ainda e avançar em conhecimento.

3.1.4 Da importância de escutar o outro

Um dos maiores ensinamentos que a “ironia” socrática pode nos oferecer, afirma Walter Kohan em *Sócrates & a educação*, é que o enigma da filosofia é sermos, assim como Sócrates, bastante atenciosos em relação ao que os outros têm a nos dizer, nos tornando assim, grandes “amantes da arte de escutar”. (KOHAN, 2011, p. 36-37).

Dessa maneira, escutando cuidadosamente as pessoas, Sócrates verificava as afirmações e definições dadas pelos seus interlocutores, e, com a chamada “ironia”

socrática, ele demonstrava o quão, mal estruturadas, vazias e confusas eram tais concepções, dando assim, a possibilidade para que seus interlocutores pudessem repensar seus pontos de vistas e, feito isso, buscar um conhecimento mais fundamentado e verdadeiro (Idem, p. 10).

É o que podemos observar, por exemplo, no *Teeteto*, onde acontece uma descrição da afirmação acima:

Sócrates: Mas, Teeteto, se você voltar a conceber, estará mais preparado após esta investigação, ou ao menos terá uma atitude mais sóbria, humilde e tolerante em relação aos outros homens, e será suficientemente modesto para não supor que sabe aquilo que não sabe. (PLATÃO, *Teeteto*, 210c).

Por conseguinte, com a “ironia”, Sócrates não tinha a pretensão de jogar por terra as definições apresentadas pelos seus interlocutores, mas de despertá-los para as possíveis contradições e consequências dessas afirmações, que eram muitas das vezes, como já dito, confusas, vazias e sem sentido, a tal ponto que eles mesmos não conseguiam explicá-las.

Foi o que aconteceu com Mênon

Mênon: E, todavia, em inúmeras ocasiões proferi fartos discursos acerca da virtude diante de audiências diversas... e ótimos discursos, pela minha avaliação; entretanto, agora não consigo emitir uma palavra sobre o que ela é. (PLATÃO, *Mênon*, 80a).

Como afirma Kierkegaard, Sócrates “interroga para esvaziar os outros de respostas” (apud KOHAN, 2011, p. 29), procurando assim, obter conclusões cada vez mais profundas e significativas.

3.1.5 O “só sei que nada sei” socrático

Partindo do pressuposto que ninguém sabe de nada em absoluto, pois há sempre o que aprender, Sócrates utilizava de sua “ironia” para “despertar” as pessoas sobre o próprio desconhecimento sobre as coisas, a fim de que elas, principalmente aquelas que já se encontravam relaxadas, preguiçosas e acomodadas com o que pensavam que já sabiam, pudessem ser provocadas e estimuladas em busca de um conhecimento mais profundo e verdadeiro sobre as coisas. (Idem, p. 27).

Assumindo uma postura de que nada sabia, Sócrates termina por enfatizar que saber que não sabe também é um saber, como afirma Kohan (Ibidem, p. 44). Daí a célebre frase atribuída a Sócrates “só sei que nada sei”, que podemos encontrar, não

a frase, mas tal atitude, na *Apologia de Sócrates e Mênon*. Assim, seguindo tal raciocínio, podemos perceber que Sócrates inverte as coisas, uma vez que nada é tão vazio e prejudicial ao ser humano do que se considerar sábio. Em contrapartida, nada se torna tão potente e positivo para o ser humano que tem consciência de sua própria ignorância, pois esse aprende sempre mais. “O gesto de Sócrates é impressionante: nada é o que parece. Ao contrário, as coisas são opostas ao que pareciam: a ignorância sabe, o saber ignora, o sábio ignora” (Ibidem, p. 44).

Diante de tal perspectiva, precisamos que o ensino não seja fundamentado somente na ideia do(a) professor(a) o qual apenas comunica ou transmite um saber, visto que, fazendo apenas isso, levaria um “embrutecimento” do conhecimento. É preciso mais do que isso

Rancière-Jacotot postulam a necessidade de considerar um professor que não explique. Com efeito, a explicação supõe a lógica do embrutecimento: quem explica impede que a inteligência de quem aprende trabalhe por si mesma. [...] Não é conveniente que o mestre saiba demasiado, já que esses saberes podem entorpecer o caminho. É necessário um mestre que ignore. Alguém poderia pensar, quase que de imediato, em Sócrates. (Ibidem, p. 98).

Portanto, diante de toda essa exposição, podemos perceber a importância da “ironia” socrática como postura pedagógica que é capaz de despertar nos estudantes a consciência da própria ignorância, estimulando a reflexão crítica e a curiosidade para novos conhecimentos.

3.2 Maiêutica: o “parto” das ideias

Após passar pela “ironia” socrática, Mênon fica perplexo, indeciso e confuso. Porém, Sócrates lhe explica os benefícios de tamanha perplexidade. Ora, uma vez conduzido à perplexidade e o aplicar os efeitos do “choque elétrico” do peixe torpedo, Mênon “poderá ocupar da investigação com contentamento, julgando-se carente de conhecimento” (PLATÃO, *Mênon*, 84c-d).

Em seguida, assim como afirma Teixeira (1999), depois que as pessoas passam pela “ironia” socrática, elas estariam aptas para construir suas próprias ideias, realizando as devidas correções em seus argumentos anteriores. Podemos chamar essa nova etapa da metodologia pedagógica de Sócrates de “maiêutica”.

A palavra “maiêutica” provém do grego “*maieitike*” que significa “dar à luz”. Neste caso, a “maiêutica” socrática é a arte de dar luz ao conhecimento.

Esse método socrático, baseado no diálogo, compreende duas etapas: a *ironia* e a *maiêutica*. Na primeira, Sócrates procura evidenciar as contradições presentes no discurso de seus discípulos, repleto de conteúdos vagos e vazios, ajudando-os a purificar o espírito da falsa ciência. Através da ironia, Sócrates tinha como objetivo bombardear nos discípulos o orgulho e a arrogância do saber. [...] A intenção de Sócrates não era propriamente destruir o conteúdo proclamado por seus interlocutores, mas conscientizá-los de suas próprias respostas [...] Libertado do orgulho e de toda pretensão, o discípulo poderia fazer o caminho de volta, reconstruindo suas próprias ideias e, conseqüentemente, rever onde errara, corrigindo-as. Essa segunda etapa Sócrates chamava de maiêutica, arte de parto ou arte de trazer à luz. (TEIXEIRA, 1999, p. 45).

Assim, Sócrates utiliza-se desse termo para fazer uma comparação da sua atividade como filósofo com a atividade de sua mãe Fenarete, que era parteira. Assim, “As parteiras auxiliam as mulheres a darem seus filhos à luz, Sócrates auxilia seus interlocutores a darem à luz a verdade. Mas, como as parteiras, ele não gera nem dá à luz, apenas auxilia” (BOLZANI, 2017, p. 105).

No diálogo platônico *Teeteto*, logo após ser questionado por Sócrates sobre o conhecimento, o jovem Teeteto diz não estar apto para dar boas respostas sobre tal questão, ao que Sócrates prontamente responde: “sofres as dores do parto, Teeteto, visto que não és estéril, mas engravidaste” (PLATÃO, *Teeteto*, 148e). Uma notória referência ao método socrático da “maiêutica”.

Mais adiante, Sócrates explica a Teeteto a sua arte da “maiêutica”

Sócrates: Tudo o que é verdadeiro acerca da arte do parto delas também o é com relação à minha. A diferença entre uma e outra está em que a minha é praticada em homens, não em mulheres, e no cuidado de suas almas em dores do parto, e não de seus corpos. Mas o que há de mais expressivo na minha arte é a sua capacidade de testar, de todas as maneiras possíveis, se o intelecto do jovem está gerando uma mera imagem, uma falsidade, ou uma genuína verdade. Com efeito, partilho do seguinte com as parteiras: sou estéril em matéria de sabedoria. A censura que tem sido dirigida amiúde a mim, isto é, de que interrogo as outras pessoas, mas eu mesmo não dou resposta alguma a nada porque não possuo nenhuma sabedoria em mim, é uma censura procedente. E a razão para isso é a seguinte: o deus compele-me a atuar como parteiro, mas sempre proibiu-me que desse à luz. Por conseguinte, não sou em absoluto um sábio e não disponho, tampouco, de nenhuma sábia descoberta que fosse o rebento nascido de minha própria alma. [...] E patenteia-se que o realizam não porque tenham algum dia aprendido algo de mim, mas porque descobriram em si mesmos muitas belas coisas as quais deram à luz. Entretanto, o parto desses rebentos deve-se ao deus e a mim. (Ibidem, 150c-d).

À vista disso, Mênon que havia ficado num estado de perplexidade após passar pela “ironia” socrática, agora poderá avançar e continuar em sua investigação sobre a virtude. Porém, antes de prosseguir, ele faz a seguinte indagação a Sócrates:

Mênon: Mas como irás empreender essa investigação, Sócrates, se desconhece inteiramente o que é (*a virtude*)? Como tencionas investigar algo que desconhece cabalmente? Na hipótese de topares com ela, como saberás que se trata da coisa que desconhecia? (PLATÃO, *Mênon*, 80d).

Como podemos investigar aquilo que não conhecemos? Uma vez que não sabemos o que estamos investigando? É nesse momento que Platão, por intermédio de Sócrates, introduzirá no diálogo a sua teoria da *Reminiscência*. Aliás, segundo Paviani (2008), não teríamos como compreender a “maiêutica” socrática sem antes entender a ideia da *Reminiscência*.

3.2.1 *Reminiscência: aprender é recordar o que estava adormecido*

Dado um certo momento do diálogo, Sócrates diz para Mênon que ouviu de homens e mulheres sábias, que falavam de coisas divinas, algo verdadeiro, além de admirável (PLATÃO, *Mênon*, 81a). Dizia ele

Sócrates: Certos sacerdotes e sacerdotisas que se capacitaram pelo estudo a fornecer uma explicação de suas práticas. A eles se somam Píndaro e muitos outros poetas detentores de dons divinos. O que dizem é o seguinte, cabendo a ti julgar se expressam a verdade: dizem que a alma humana é imortal, que numa ocasião atinge um termo, que é chamado de morrer, e numa outra renasce, porém jamais é extinta pela destruição. (Ibidem, 81a-b).

Assim, Sócrates afirma para Mênon que a alma é imortal e que ela renasce várias e várias vezes, de modo que já conheceu todas as coisas deste mundo como do além vida. Por esse motivo, não há nada que alma não tenha aprendido.

Em vista disso, continua Sócrates, somos capazes, e isso não é de se surpreender, de lembrarmos de tudo que aprendemos anteriormente a respeito de tudo que desejamos e toda “investigação e aprendizado, como um todo, consistem em reminiscência” (Ibidem, 81c-d).

Portanto, seguindo tal raciocínio, como a alma já detém todo o conhecimento nela mesma, o que chamamos de aprendizagem nada mais é do que uma recordação daquilo que já conhecemos. Em outras palavras, aprender é recordar, aprender é uma “reminiscência”. Em seguida, na tentativa de encurralar Sócrates no próprio argumento, Mênon pede para que ele o ensine o que é a “reminiscência”.

Mênon: Sim, Sócrates, porém qual o significado de dizeres que não aprendemos, mas que o que chamamos de aprendizado é reminiscência? Podes me ensinar a respeito e demonstrá-lo?

Sócrates: Já observei há pouco, Mênon, que és um patife; e agora me perguntas se posso ensinar-te, quando afirmo que não há ensinamento, mas tão só reminiscência. Esperas que eu possa ser apanhado em contradição comigo mesmo na imediata sequência.

Mênon: Sócrates, por Zeus, não foi essa minha intenção. Eu o disse apenas por hábito. Mas se puderes de algum modo demonstrar a mim que é como dizes, por favor o faz. (Idem, 81e-82a).

E assim, inicia-se a demonstração mais brilhante do diálogo *Mênon*, onde Sócrates, a fim de demonstrar a “reminiscência”, chama um dos escravos de Mênon para resolver um problema geométrico, mesmo que este nunca tenha estudado nada durante sua vida toda.

Sócrates: [...] Chama um dos teus muitos servidores aqui presentes, aquele que quiseres, para que atue como instrumento de minha demonstração.

Mênon: Certamente, Tu aí aproxima-te (Mênon se dirige a um de seus escravos).

Sócrates: Ele é grego e fala grego?

Mênon: Decerto que sim. Nascido em minha casa.

Sócrates: Observa agora detidamente se ele te impressiona lembrando ou aprendendo de mim.

Mênon: Eu o farei. (Idem, 82b-c).

Sócrates começa a sua demonstração desenhando um quadrado no chão da areia e perguntando ao escravo: “Diz-me, rapaz, sabes que uma figura quadrada é assim?”(Idem, 82b), e o escravo logo responde “Sei” (Idem, 82b). **(Figura 1)**.

Figura 1 – Quadrado desenhado por Sócrates.

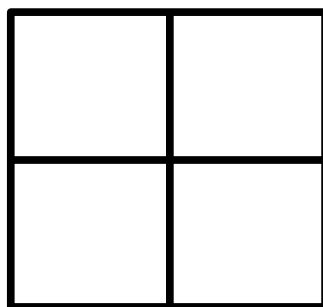


Fonte: elaborada pelo autor.

Sócrates continua perguntando: “Bem, um quadrado é uma figura que possui estas quatro linhas iguais?” (idem, 82c), “Certamente”, responde o jovem escravo.

Logo em seguida, Sócrates traça duas linhas, uma vertical e outra na horizontal de tal modo que elas se cruzam no centro do quadrado, produzido quatro pequenos quadrados internos, como podemos observar na **(Figura 2)**.

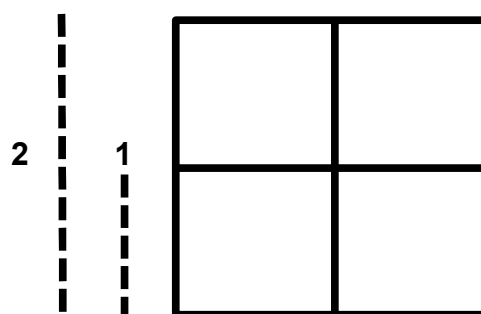
Figura 2 – Linhas traçadas por Sócrates no quadrado inicial.



Fonte: elaborada pelo autor.

E mais uma vez, Sócrates continua perguntando: “estas linhas, que são traçadas pelo centro também são iguais, não são?”, “Sim”, responde o jovem escravo. E “se”, indaga Sócrates, “num lado medisse 2 pés”, (*aqui, Sócrates se refere ao lado do quadrado maior, como podemos observar na **Figura 3***) e “apenas 1 pés no outro” (*já aqui, Sócrates se refere ao lado do quadrado menor, como podemos observar na **Figura 3***), mediriam 2 pés tomados juntos? “Sim”, responde o jovem escravo mais uma vez. (Idem, 82c).

Figura 3 – Medida do lado do quadrado maior e menor.



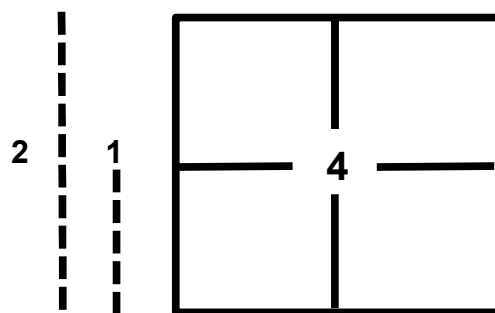
Fonte: elaborada pelo autor.

Posto isso, se referindo ainda aos lados do quadrado maior, Sócrates continua indagando ao jovem escravo “como mede 2 pés em cada lado, é forçoso que meça 2 vezes 2 pés?”. “É isso” responde ele. Então, pergunta Sócrates novamente, agora em relação a área total da figura: “a figura mede 2 vezes 2 pés?”. “Sim”, responde o escravo. “E quanto são 2 vezes 2 pés? Conta e me diz”, fala Sócrates, onde o escravo prontamente, ao contar, diz “Quatro, Sócrates”. (Idem, 82d).

Inicialmente, já podemos observar, que, somente utilizando perguntas, Sócrates fez com que o escravo, que nada sabia de geometria, descobrisse e

calculasse a área de um quadrado de lado 2, o qual ele respondeu corretamente 4. Como podemos observar na **(Figura 4)**.

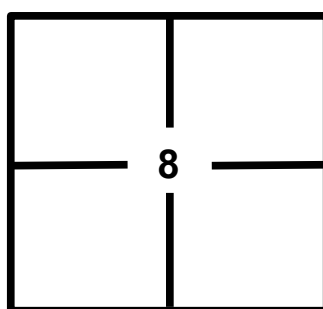
Figura 4 – Área total do quadrado calculada pelo jovem escravo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Em seguida, Sócrates propõe mais um problema geométrico ao jovem escravo, indaga ele: “não seria possível haver uma outra figura do mesmo tipo desta, mas possuindo o dobro do tamanho desta, tendo todos os seus lados iguais como esta figura?”, e o jovem escravo diz que “sim”. “E nesse caso mediria quantos pés?”, “8 (Oito)” responde o jovem escravo. (Idem, 82d).

Figura 5 – Nova figura proposta por Sócrates.



Fonte: elaborada pelo autor.

E, pergunta Sócrates se referindo a essa nova figura, “qual seria o comprimento de cada um dos lados dessa [última] figura?”, “É evidente, Sócrates, que mede o dobro” da medida do comprimento da figura anterior, responde erroneamente o jovem escravo. Uma vez que 4 pés vezes 4 pés são 16 pés, e não 8. Como podemos observar na **(Figura 5)**. (Idem, 82e).

No entanto, mesmo diante de tal erro e, ainda que Sócrates não tenha ensinado nada ao jovem escravo, somente feito perguntas para ele, podemos notar um certo

crescimento no conhecimento sobre geometria dele. É o que ressalta Sócrates para Mênon:

Sócrates: Percebes Mênon, que não estou ensinando nada ao rapaz, limitando-me a interrogá-lo? E agora ele julga que conhece o comprimento da linha na qual está baseada a construção de uma figura de oito pés. Ou não achas que ele o julga?

Mênon: Acho.

Sócrates: E conhece?

Mênon: Evidentemente não

Sócrates: Ele apenas o julga com sabe no dobro do tamanho?

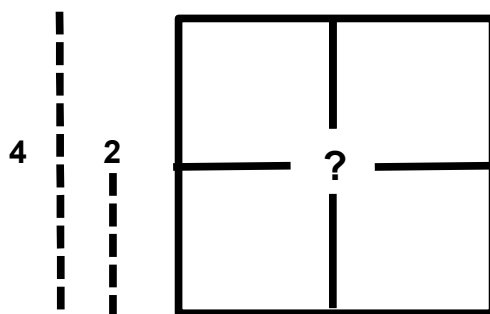
Mênon: Sim.

Sócrates: Muito bem. Agora observa como ele progride no lembrar mediante o emprego apropriado da memória [...]. (Idem, 82e).

Sócrates agora se empenhará em conduzir o jovem escravo do erro ao acerto, da ignorância ao conhecimento, não o ensinando, mas somente pela “maiêutica”.

Sendo assim, Sócrates direciona sua fala para o jovem escravo e o pergunta em relação a nova figura que está se construindo (**Figura 5**): “Bem, a linha passa a ter o dobro (*em relação ao primeiro quadrado, ou seja, a primeira figura*) se adicionarmos uma outra de idêntico comprimento aqui?”, “Certamente”, responde ele. Como podemos observar na (**Figura 6**). (Idem, 83a).

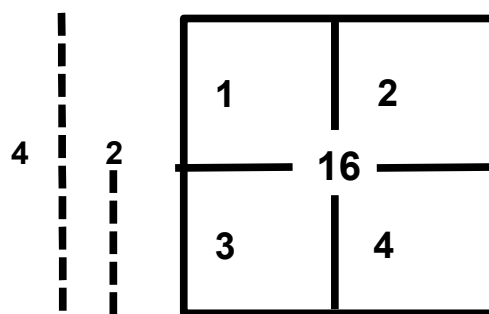
Figura 6 – Medidas do lado do quadrado proposto pelo jovem escravo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Como podemos observar na (**Figura 6**), o novo quadro não tem o dobro do tamanho do primeiro, mas 4 vezes o tamanho do primeiro. Visto que, neste novo quadrado cabem 4 quadrados do primeiro que tem lado de 2 pés. Como podemos observar na (**Figura 7**).

Figura 7 – Medidas do lado do quadrado proposto pelo jovem escravo.

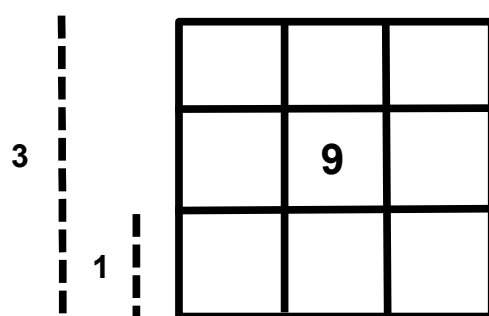


Fonte: elaborada pelo autor.

Portanto, depois que o jovem escravo percebe que não se trata do dobro, mas de 4 vezes o tamanho, Sócrates diz para ele que “a partir da linha com o dobro de comprimento, rapaz, obtemos uma figura não do dobro do tamanho, mas quatro vezes maior”. “Dizes a verdade”, responde ele. (Idem, 83c).

Seguindo com a investigação e com uma série de novas perguntas feitas por Sócrates, o jovem escravo conclui que, a linha do quadrado de 8 pés, deve ser maior que 2 e menor que 4, dado que, com uma linha de 2 temos um quadrado de 4 pés, e com uma linha de 4, obtemos um quadrado de 16 pés. Como podemos observar nas **(Figuras 6 e 7)**. Sendo assim, sua nova proposta para o comprimento da linha que tal figura deve ter é de 3 pés.

Figura 8 – Medidas do lado do quadrado proposto pelo jovem escravo.



Fonte: elaborada pelo autor.

Como podemos observar na **(Figura 8)**, o novo quadro também não tem o dobro do primeiro, que seria 8 pés, mais 9. Portanto, reconhecendo novamente o erro, o jovem escravo não sabe mais a resposta para solucionar tal questão.

É nesse momento Sócrates chama a atenção de Mênon sobre o processo da reminiscência e sua metodologia

Sócrates: Percebes, Mênon, que ponto já foi atingido por ele em seu processo de reminiscência? Inicialmente desconhecia a linha que possibilita a construção da figura de oito pés; e mesmo agora continua a desconhecê-la; mas, no entanto, ele julgava que a conhecia então, e se manteve respondendo confiantemente como se a conhecesse, insciente de qualquer dificuldade; agora, todavia, ele realmente se considera numa dificuldade, e além de não ter conhecimento, não julga que o tem.

Mênon: O que dizes é verdadeiro.

Sócrates: Isso não significa que se encontra agora numa melhor posição com respeito à matéria que desconhecia?

Mênon: Também em relação a isso penso que sim [...].

Sócrates: Ora, ao conduzi-lo à perplexidade e aplicar-lhe o choque elétrico do peixe-torpedo, deixando-o entorpecido, causamos a ele algum dano?

Mênon: Penso que não [...].

Sócrates: Bem, supões que ele teria tentado investigar ou aprender o que julgava conhecer, quando não o conhecia, enquanto não fosse induzido à perplexidade e compreendesse que não conhecia, experimentando então o anseio de conhecer?

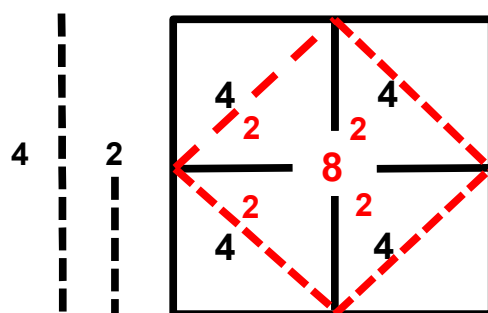
Mênon: Penso que não, Sócrates [...].

Sócrates: Observa agora, como, com base nessa perplexidade, ele avançará e descobrirá algo numa investigação conjunta comigo, na qual me restringirei a fazer perguntas e não o ensinarei. Conserva-te vigilante para apurar se em alguma etapa da investigação poderás me flagrar o ensinando e lhe explicando coisas em lugar de tão só solicitar sua opinião através de perguntas. (Idem, 84a-d).

Em vista do exposto acima, Sócrates revê toda a sua metodologia pedagógica, desde a “ironia” socrática até a “maiêutica”, demonstrada por meio do diálogo com o jovem escravo de Mênon.

Dando continuidade, Sócrates desenha novamente o quadrado cujo comprimento do lado é de 4 pés, e sua área total é de 16 pés (**ver Figura 7**). Daí, Sócrates começa uma nova série de perguntas ao jovem escravo. Indaga Sócrates: “Nesse quadrado de 16 pés, quantas vezes temos a figura de 4 pés?”, “Quatro vezes”, responde o jovem escravo. Sócrates continua: “Mas, [a figura que desejamos encontrar] era para ser somente duas vezes maior, lembra?”, “Certamente”, responde ele. Mais uma vez Sócrates, traçando uma linha de um ângulo do quadrado ao outro, indaga: “E esta linha de um ângulo a outro não divide cada uma destas figuras em duas?”. “Sim”, respondeu o jovem escravo. “E Cada uma das linhas internas não divide metade de cada uma das quatro figuras?”, “Sim”, respondeu novamente ele. “E esta figura mede quantos pés?”, pergunta Sócrates. “Oito pés”, responde o jovem escravo. Sócrates o questiona mais uma vez: “A partir de qual linha obtemos esta figura?”, “A partir desta”, responde o jovem escravo fazendo do traçado de Sócrates, como podemos observar na (**Figura 9**). (Idem, 84e-85a).

Figura 9 – Quadrado de 8 pés alcançado e problema geométrico solucionado pelo jovem escravo, mediante as perguntas de Sócrates (maieutica).



Fonte: elaborada pelo autor.

Portanto, com as perguntas certas feitas por Sócrates, o jovem escravo de Mênon acaba percebendo que pode dividir a metade de cada um dos quadrados, tomando uma diagonal e obtendo um novo quadrado interior com as diagonais, conseguindo assim, somando as 4 metades de cada quadrado ($2+2+2+2$) o quadrado de 8 pés e resolvendo o problema geométrico proposto por Sócrates., Como podemos observar na **(Figura 9)**.

Perante brilhante demonstração da reminiscência, Sócrates conclui afirmando para Mênon que o jovem escravo chegou a tal resolução do problema geométrico, não por que ele transmitiu conhecimento para ele, mas porque o conhecimento já estava presente dentro dele, necessitando, apenas, ser guiado para fora (*reminiscência*).

Sócrates: O que julgas disso, Mênon? Em suas respostas houve alguma opinião por ele emitida que não fosse a sua?

Mênon: Não, foram todas suas.

Sócrates: E, no entanto, como o asseveramos há pouco, ele não tinha conhecimento.

Mênon: O que dizes é verdadeiro [...].

Sócrates: Conclui-se então que aquele que não tem conhecimento possui dentro de si opiniões verdadeiras sobre quaisquer coisas que desconhece?

Mênon: É o que parece[...].

Sócrates: E não é reminiscência essa descoberta ou recuperação de conhecimento dentro de si e por si?

Mênon: Certamente. (Idem, 85b-d).

Feito isso, Sócrates soluciona as indagações iniciais de Mênon sobre como seria possível investigar o que não conhecemos, evidenciando, com toda essa experiência com o jovem escravo, que é possível procurar por coisas das quais desconhecemos e que “investigar as coisas que ignoramos é algo que nos tornará melhores, mais corajosos e menos ociosos”. (Idem, 85b-c).

No diálogo platônico *Fedro*, Sócrates também faz referência à teoria da reminiscência, segundo a qual aprender é um ato de rememoração da alma, que é lembrar o esquecido e acordar o que estava adormecido.

Sócrates: [...] isso corresponde a uma reminiscência das coisas que nossa alma outrora contemplou quando esteve viajando com o deus e, elevando sua visão acima das coisas que dizemos agora existirem, ascendeu ao ser real. E, portanto, é com justiça que somente a alma do amante da sabedoria (filósofo) tem asas, pois ele está sempre, na medida de sua capacidade, em comunhão, através da memória, com essas coisas [...] Ora, um homem que utiliza corretamente tais memórias está sendo sempre iniciado nos perfeitos mistérios e ele, exclusivamente, em realidade torna-se perfeito; entretanto, como ele se afasta dos interesses humanos e volta sua atenção para o divino, é censurado pelas pessoas ordinárias que o julgam perturbado e que ignoram que é inspirado pela divindade. (PLATÃO, *Fedro*, 249c-d).

3.2.2 A real função do mestre

Como vimos, embora sem formação intelectual, o jovem escravo de Mênon conseguiu solucionar um problema geométrico mediante as perguntas certas feitas por Sócrates. Ainda assim, cabe ressaltar aqui que, como afirma Jaeger, sem a devida orientação de Sócrates, o jovem escravo jamais teria conseguido trilhar o caminho rumo à solução do problema matemático em questão proposto por Sócrates. (JAEGER, 2013, p. 713).

Por conseguinte, diante da experiência pedagógica entre Sócrates e o jovem escravo de Mênon, podemos constatar que a real função do mestre não é, tão somente, transmitir conteúdos, mas o de orientar, a fim de que aqueles que estejam recebendo essa devida orientação possam alcançar as suas próprias conclusões e assim adquirir os fundamentos do seu próprio saber.

Não é à toa as críticas feitas a metodologia pedagógica dos sofistas, na qual uma das principais características consiste numa assimilação passiva do conhecimento, contrária à metodologia pedagógica utilizada por Sócrates, na qual uma das principais características constitui em deixar o indivíduo mais ativo e participativo na construção do próprio conhecimento, como vimos no caso do jovem escravo de Mênon.

3.2.3 Sócrates versus Sofistas

Existem várias críticas aos sofistas e diversos diálogos de Platão, no *Mênon*, por exemplo, aparece logo após a experiência pedagógica que vimos entre Sócrates e o jovem escravo. Segundo Anito, os sofistas são uma forte influência corruptora sobre aqueles que se deixam levar por eles.

Anito: A quem estás aludindo, Sócrates?

Sócrates: É evidente que sabes a quem aludo, bem como todos o sabem; são os homens que as pessoas chamam de sofistas.

Anito: Por Hércules, cala-te Sócrates! Que nenhum parente ou amigo meu, desta cidade ou estrangeiro, seja dominado pela loucura de se deixar contaminar com a companhia desses homens, pois são manifestamente os causadores da ruína e corrupção daqueles que os seguem. (PLATÃO, *Mênon*, 91b-c).

Em outra passagem, Anito diz que quem dá seus recursos aos sofistas são insanos, quanto mais aqueles indivíduos que confiam em suas metodologias pedagógicas.

Anito: Bem longe estão, Sócrates, de serem insanos. Insanos, sim, são os jovens que os remuneram, e ainda mais insanos os parentes que confiam seus jovens a eles... e, sobretudo, todos os Estados que permitem o seu ingresso e não expulsam o cidadão ou estrangeiro que procura se conduzir como eles se conduzem. (Ibidem, 92a-b).

Sem fala que, logo no início do diálogo platônico *Mênon*, o qual comentamos, existe uma outra crítica aos sofistas devido à postura deles, que dizem possuir respostas para tudo e para todos. Diz Sócrates: “ele (*o sofista*) próprio se oferecia para ser interrogado por qualquer grego que quisesse fazê-lo, sobre qualquer tópico que desejasse, e tinha (*os sofistas*) uma resposta para todos” (Ibidem, 70a-b).

Etimologicamente, o termo “sofista” significa sábio. Assim, os sofistas eram considerados por muitos como “os sábios da cidade”. Entre os sofistas mais famosos, destacam-se três: Górgias (mestre de *Mênon*, como vimos anteriormente), Protágoras (teria sido o primeiro entre os sofistas a aceitar pagamento pelo seu ensino) (PLATÃO, *Protágoras*, 349a) e Hípias.

É evidente que os sofistas fizeram parte de um dos grandes movimentos que revolucionou a educação em Atenas naquele período, como é notório também que eles foram considerados os primeiros advogados e, além disso, os precursores da arte da retórica e da oratória. Porém, como afirma Teixeira, o movimento dos sofistas era mais um modo de ensinar do que uma doutrina propriamente dita. Assim, os

sofistas representavam, de certa maneira, uma educação mais tradicional, que fundamenta o seu ensino numa mera transmissão de saber, nitidamente contrária à proposta educacional segundo a metodologia pedagógica adotada por Sócrates. (TEIXEIRA, 1999, p. 18-19).

Paviani, por exemplo, nos aponta outra grande diferença entre Sócrates e os sofistas

Outra diferença entre Sócrates e os sofistas reside no fato de ele jamais ter recebido pagamento pelo ensino. Ele não criou nenhuma escola nem mesmo se considerava professor, embora sua influência espiritual tenha sido enorme e ele possa ser considerado um mestre da humanidade. Como Platão, Sócrates teve um grande número de seguidores. Embora não se tenha muita certeza sobre sua famosa aversão à educação institucionalizada, ele outorgou à tradição e à educação ocidental uma atitude de professor, um método de ensino. (PAVIANI, 2008, p. 43-44).

À vista disso, a postura pedagógica utilizada por Sócrates se apresenta como uma nova proposta educacional, contrária aos métodos dos sofistas, posto que em Sócrates, a educação, se torna, para o professor em relação aos seus alunos, um “orientar os olhos para a direção certa”. (TEIXEIRA, 1999, p. 51).

3.3 A sabedoria de Sócrates como postura pedagógica e suas possíveis contribuições para o ensino de filosofia

A sabedoria de Sócrates como postura pedagógica encontra seu ápice, como podemos notar anteriormente, na “maiêutica”. Assim, como no exemplo do jovem escravo de Mênon, a metodologia socrática busca despertar um aprendizado onde os estudantes consigam, com a devida orientação e instruções, construir um conhecimento que emana de dentro, repleto de criticidade e reflexões.

Portanto, perante tal postura, criam-se um espaço para o diálogo, gerando, assim, uma comunicação entre professores e alunos os quais fazem, de maneira crítica, suas reflexões e questionamentos e, acima de tudo, geram um ambiente no qual o educando pode ser capaz de construir o próprio conhecimento.

No próximo capítulo, abordaremos a possibilidade da aplicação dessa sabedoria em sala de aula e seus resultados.

4 A APLICABILIDADE DA SABEDORIA SOCRÁTICA EM SALA DE AULA E SEUS RESULTADOS

A finalidade deste capítulo é a de apresentar a possível aplicabilidade da sabedoria socrática em sala de aula e sua importância no ensino de filosofia, assim como os dados coletados e o resultado desta pesquisa, buscando justificar o uso da “ironia” e da “maieutica”, que compõem as duas etapas da sabedoria socrática como vimos no capítulo anterior, como recursos valiosos para um ensino-aprendizagem mais significativo.

Para a exposição dos dados coletados desta pesquisa, assim como os seus respectivos resultados e suas conclusões, abordaremos, neste capítulo, primeiramente, a descrição do contexto político e socioeconômico da escola, das turmas e do perfil dos(as) alunos(as) que participaram da pesquisa. Em seguida, será descrito o método adotado, bem como a descrição dos procedimentos, do material utilizado para a coleta de dados e do questionário que os(as) alunos(as) responderam. No final do capítulo, será feita a organização dos dados coletados, a análise das respostas dos(as) alunos(as) e as considerações finais acerca dos resultados obtidos.

Assim, neste capítulo apresenta-se a parte desta pesquisa que busca a aplicabilidade na prática, aumentando a compreensão e a curiosidade dos temas/assuntos filosóficos dados em sala de aula, da postura pedagógica de Sócrates, com a expectativa de criar um ambiente escolar no qual os(as) alunos(as) se sintam cada vez mais ativos na construção do próprio saber.

4.1 Descrição da escola, das turmas e do perfil dos(as) alunos(as)

A aplicação desta pesquisa sobre “A sabedoria socrática no ensino de Filosofia” foi realizada com os(as) alunos(as) das 3^o séries dos turnos manhã e tarde do Ensino Médio da escola EEM Deputado Francisco de Almeida Monte.

Vale ressaltar que todas as informações utilizadas para contextualizar e descrever a escola, as turmas e os(as) alunos(as) foram obtidos pelo próprio PPP da própria escola, atualizado no ano de 2023. Sobre a importância do Projeto Político Pedagógico (PPP) escreveu Silva (2003)

O Projeto Político Pedagógico projeta e organiza as ações da escola e da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social. É um documento teórico-prático que pressupõe relações de interdependência e reciprocidade entre os dois pólos, elaborado coletivamente pelos sujeitos da escola e que aglutina os fundamentos políticos e filosóficos em que a comunidade acredita e os quais deseja praticar; que define os valores humanitários, princípios e comportamentos que a espécie humana concebe como adequados para a convivência humana; que sinaliza os indicadores de uma boa formação e que qualifica as funções sociais e históricas que são de responsabilidade da escola. Que elementos o integram? É um instrumento que organiza e sistematiza o trabalho educativo, compreendendo o pensar e o fazer pedagógico. (p. 296).

A escola E.E.M. Deputado Francisco de Almeida Monte fica localizada no bairro Jardim Guanabara, uma região urbana periférica da cidade de Fortaleza-Ceará, que abrange a Grande Barra do Ceará (Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Floresta, Quintino Cunha, Vila Velha e Barra do Ceará). O nome da escola é uma homenagem ao cearense Francisco de Almeida Monte. Nascido no dia 03 de outubro de 1895, em Sobral, ele foi um dos Deputados Federais do Estado do Ceará – nos anos de 1946 a 1961 – membro da Comissão do Polígono das Secas, reivindicando para o Nordeste, melhorias nas políticas sociais e econômicas.

A escola possui uma infraestrutura distribuída em um espaço de 75 m², divididos em: Secretaria, sala da diretoria, sala do administrativo/financeiro, sala de arquivo, 02 salas de coordenação, sala de redação, sala de atendimento aos estudantes, laboratório educacional de informática, laboratório educacional de ciências, espaço de multimeios, quadra poliesportiva, 11 salas de aulas com capacidade para até 45 alunos(as) e 01 sala de aula com capacidade para até 30 alunos(as), cozinha, bicicletário, pátio, praça de convivência e estacionamento.

A escola oferece o Ensino Médio Diurno Regular (1^a, 2^a e 3^o séries, no horário de 7h às 12h20m e de 13h às 18h20m) e Ensino Médio Noturno Regular (1^a, 2^a e 3^a séries, no horário de 18h50m às 22h).

De acordo com o PPP da escola, cerca de 78% dos alunos(as) têm a mãe como responsável legal perante a escola. Sobre os responsáveis os quais são provedores do sustento familiar, em sua maioria, com renda de até 2 salários-mínimos, muitos dependem dos auxílios e benefícios sociais do governo. A composição familiar é composta principalmente por mãe, avós e irmãos. Os alunos(as), em sua maioria, afirmaram que escolheram se matricular na escola E.E.M Deputado de Almeida Monte pela proximidade de suas respectivas casas, tendo em vista que a forma de locomoção da maioria dos estudantes, no trajeto até a escola, se faz a pé. Além disso,

a escola possui um público composto por alunos(as) pretos e pardos, em sua maioria, além de apresentar uma considerável quantidade de estudantes PCD's (Pessoas com Deficiência) e também que compõem a comunidade LGBTQIAPN+.

Segundo o PPP da escola, as competências, habilidades e os compromissos assumidos pelos docentes da EEM Deputado Francisco de Almeida Monte são desenvolvidos tendo sempre em vista a aprendizagem dos estudantes. O professor(a) deve se comportar como um mediador de uma ação pedagógica que deve partir da realidade e dos conhecimentos prévios dos alunos(as), promovendo o diálogo e ações educativas que possibilitam a superação das dificuldades do cotidiano.

4.2 Descrição do método, dos materiais utilizados e dos dados a serem coletados

Primeiramente, foi realizada uma apresentação geral para os alunos(as) sobre o tema e a proposta da pesquisa e suas possíveis contribuições para o ensino-aprendizagem para as aulas de Filosofia do Ensino Médio.

Para a aula expositiva foi utilizado o quadro branco, pincéis, apresentações de imagens por meio de slides (projetor), debates e diálogos em sala. Posteriormente, foi feita a coleta de dados, que permitiu responder à questão desta dissertação acerca da importância da sabedoria socrática para no ensino de filosofia, a partir de uma aplicação de um questionário aos estudantes.

O questionário aplicado aos estudantes ao término da exposição geral continha 10 perguntas as quais estão listadas a seguir:

- 1)** Você acredita que a sabedoria socrática é capaz de estimular os alunos(as) a serem mais participativos na construção do próprio conhecimento? Por quê?
- 2)** Para você, qual a importância do diálogo entre professor(a) e seus alunos(as) em sala de aula? Por quê?
- 3)** Você acha importante saber que não sabemos de tudo? Por quê?
- 4)** Na sua opinião, conhecer a si mesmo e a própria realidade a qual você está inserido contribui para o próprio conhecimento em sala de aula? Por quê?
- 5)** É importante o professor(a) fazer perguntas e escutar os seus alunos(as) durante a aula? Por quê?

- 6) O professor(a) deve apenas transmitir seu próprio conhecimento ou orientar seus alunos(as) para a construção do próprio saber? Por quê?
- 7) Na sua opinião, qual a principal tarefa dos professores(as)? Por quê?
- 8) O que não pode faltar, de maneira alguma, em uma aula de filosofia? Por quê?
- 9) Para você, o que não pode faltar na didática de um professor(a)?
- 10) Por fim, a sabedoria socrática é capaz de cultivar um ambiente em sala de aula propício para o questionamento, criticidade e autonomia dos alunos(as)? Por quê?

Para podermos analisar e formalizar as respostas dos alunos(as) a partir desse questionário, foi estabelecido algumas expectativas as quais se enquadrarão nas seguintes categorias:

1. Análise da sabedoria de Sócrates no ensino de filosofia;
2. Análise do método pedagógico do professor(a);
3. Análise da relação entre professor(a) e aluno(a).

Dito isso, as expectativas que irão se enquadrar em suas respectivas categorias são:

- Constatar nas afirmações se a sabedoria socrática é capaz de contribuir consideravelmente para o ensino de filosofia;
- Verificar nas respostas as possíveis semelhanças entre as afirmações dadas e a sabedoria socrática como postura para o professor(a) em sala de aula, especialmente em filosofia;
- Examinar as possíveis causas para a aprovação ou não da contribuição da sabedoria socrática como possibilidade de uma postura pedagógica para o ensino de filosofia;
- Encontrar nas afirmações dos estudantes elementos semelhantes à sabedoria socrática no que diz respeito a relação entre professor(a) e aluno(a).

Diante disso, a observância dessas 3 categorias pontuadas resulta no quadro comparativo a seguir:

TABELA 1

CATEGORIAS E EXPECTATIVAS DAS PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO		
PERGUNTAS:	CATEGORIA	EXPECTATIVA
1) Você acredita que a sabedoria socrática é capaz de estimular os alunos(as) a serem mais participativos na construção do próprio conhecimento? Por quê?	1. Análise da sabedoria de Sócrates no ensino de filosofia.	<ul style="list-style-type: none"> • Constatar nas afirmações se a sabedoria socrática é capaz de contribuir consideravelmente para o ensino de filosofia; • Examinar as possíveis causas para a aprovação ou não da contribuição da sabedoria socrática como possibilidade de uma postura pedagógica para o ensino de filosofia.
2) Para você, qual a importância do diálogo entre professor(a) e seus alunos(as) em sala de aula? Por quê?	2. Análise do método pedagógico do(a) professor(a); 3. Análise da relação entre professor(a) e aluno(a).	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar nas respostas as possíveis semelhanças entre as afirmações dadas e a sabedoria socrática como postura para o professor(a) em sala de aula, especialmente em filosofia; • Encontrar nas afirmações dos estudantes elementos semelhantes à sabedoria socrática no que diz respeito a relação entre professor(a) e aluno(a).
3) Você acha importante saber que não sabemos de tudo? Por quê?	1. Análise da sabedoria de Sócrates no ensino de filosofia.	<ul style="list-style-type: none"> • Constatar nas afirmações se a sabedoria socrática é capaz de contribuir consideravelmente para o ensino de filosofia; • Verificar nas respostas as

		possíveis semelhanças entre as afirmações dadas e a sabedoria socrática como postura para o professor(a) em sala de aula, especialmente em filosofia.
4) Na sua opinião, conhecer a si mesmo e a própria realidade a qual você está inserido contribui para o próprio conhecimento em sala de aula? Por quê?	1. Análise da sabedoria de Sócrates no ensino de filosofia; 2. Análise do método pedagógico do(a) professor(a).	<ul style="list-style-type: none"> • Constatar nas afirmações se a sabedoria socrática é capaz de contribuir consideravelmente para o ensino de filosofia; • Examinar as possíveis causas para a aprovação ou não da contribuição da sabedoria socrática como possibilidade de uma postura pedagógica para o ensino de filosofia.
5) É importante o professor(a) fazer perguntas e escutar os seus alunos(as) durante a aula? Por quê?	1. Análise da sabedoria de Sócrates no ensino de filosofia; 2. Análise do método pedagógico do(a) professor(a); 3. Análise da relação entre professor(a) e aluno(a).	<ul style="list-style-type: none"> • Verificar nas respostas as possíveis semelhanças entre as afirmações dadas e a sabedoria socrática como postura para o professor(a) em sala de aula, especialmente em filosofia; • Encontrar nas afirmações dos estudantes elementos semelhantes à sabedoria socrática no que diz respeito a relação entre professor(a) e aluno(a).
6) O professor(a) deve apenas transmitir seu próprio conhecimento ou	1. Análise da sabedoria de Sócrates no	<ul style="list-style-type: none"> • Constatar nas afirmações se a sabedoria socrática é capaz de contribuir consideravelmente

orientar seus alunos(as) para a construção do próprio saber? Por quê?	ensino de filosofia; 2. Análise do método pedagógico do(a) professor(a).	para o ensino de filosofia; • Verificar nas respostas as possíveis semelhanças entre as afirmações dadas e a sabedoria socrática como postura para o professor(a) em sala de aula, especialmente em filosofia.
7) Na sua opinião, qual a principal tarefa dos professores(as)? Por quê?	2. Análise do método pedagógico do(a) professor(a).	• Constatar nas afirmações se a sabedoria socrática é capaz de contribuir consideravelmente para o ensino de filosofia; • Examinar as possíveis causas para a aprovação ou não da contribuição da sabedoria socrática como possibilidade de uma postura pedagógica para o ensino de filosofia.
8) O que não pode faltar, de maneira alguma, em uma aula de filosofia? Por quê?	2. Análise do método pedagógico do(a) professor(a).	• Constatar nas afirmações se a sabedoria socrática é capaz de contribuir consideravelmente para o ensino de filosofia; • Verificar nas respostas as possíveis semelhanças entre as afirmações dadas e a sabedoria socrática como postura para o professor(a) em sala de aula, especialmente em filosofia.
9) Para você, o que não pode faltar na didática de um professor(a)?	1. Análise da sabedoria de Sócrates no	• Verificar nas respostas as possíveis semelhanças entre as afirmações dadas e a

	ensino de filosofia; 2. Análise do método pedagógico do(a) professor(a).	sabedoria socrática como postura para o professor(a) em sala de aula, especialmente em filosofia; <ul style="list-style-type: none"> Examinar as possíveis causas para a aprovação ou não da contribuição da sabedoria socrática como possibilidade de uma postura pedagógica para o ensino de filosofia.
10) Por fim, a sabedoria socrática é capaz de cultivar um ambiente em sala de aula propício para o questionamento, criticidade e autonomia dos alunos(as)? Por quê?	1. Análise da sabedoria de Sócrates no ensino de filosofia.	<ul style="list-style-type: none"> Constatar nas afirmações se a sabedoria socrática é capaz de contribuir consideravelmente para o ensino de filosofia; Examinar as possíveis causas para a aprovação ou não da contribuição da sabedoria socrática como possibilidade de uma postura pedagógica para o ensino de filosofia.

Assim, as perguntas do questionário são classificadas de acordo com as suas respectivas categorias:

I. As perguntas que contêm as Categorias 1 e 2, dizem respeito à análise da sabedoria socrática como postura filosófica para o ensino de filosofia e suas respectivas contribuições para a sala de aula, como também analisar o método pedagógica dos(as) professores(as) e suas possíveis semelhanças;

II. Já as perguntas que contêm a Categoria 3, dizem respeito à análise sobre a relação entre professor(a) e aluno(a) e como a sabedoria socrática pode contribuir nesse processo de ensino-aprendizagem.

Diante desses registros, buscaremos mensurar a possível eficácia desta pesquisa, com o propósito de o aperfeiçoamos ainda mais ou, na pior das hipóteses, descartá-la.

Vale ressaltar que o método da pesquisa é qualitativo, visto que a coleta dos dados do questionário foi feita a partir de perguntas abertas com o interesse em uma análise não-numérica. Segundo Creswell (2007, p. 34) “[a] escolha de métodos por um pesquisador depende de seu objetivo: especificar o tipo de informação a ser coletada antes do estudo ou permitir que ele surja dos participantes do projeto”. Sendo assim, com a opção do questionário com perguntas abertas, a pesquisa assume a segunda opção pontuada pelo autor, onde os próprios participantes da pesquisa, no caso os(as) alunos(as), afirmarão as suas reflexões e impressões de maneira ampla e aberta.

Em vista disso, a pesquisa qualitativa “é uma pesquisa interpretativa, com o investigador geralmente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes” (CRESWELL, 2007, p. 188). Sendo assim, os(as) alunos(as) são instigados a se sentirem à vontade para dar sua própria compreensão sobre os assuntos que estão relacionados ao objeto de estudo desta pesquisa.

Portanto, a escolha pelo método qualitativo foi realizado no intuito de verificar a eficiência da sabedoria socrática como postura pedagógica, se é útil ou não, com o objetivo de contribuir para o ensino de Filosofia.

É preciso evidenciar também que o processo de toda a metodologia desta pesquisa é de teor puramente acadêmico, de natureza investigativa. Dito isso, como é recomendado para as pesquisas dessa natureza, não vamos expor nenhum dos nomes dos(as) alunos(as) que participaram desta pesquisa, como também nenhuma informação pessoal. Vamos analisar apenas os dados coletados sobre suas afirmações previstas no questionário.

Após aplicarmos todo o método que foi descrito, compete agora analisarmos os resultados obtidos e apresentarmos as devidas conclusões.

4.3 Da organização dos dados coletados e análise das respostas ao questionário

Com a finalidade de organizar e fazer uma melhor exposição dos dados coletados com os alunos(as) e, na medida do possível, ser o mais fidedigno nas afirmações deles, foi digitalizado todas as perguntas com suas respectivas respostas. O número dos participantes da pesquisa foi de 31, divididos pelas turmas dos terceiros anos do turno da manhã e tarde. Para citar a resposta, indicaremos somente a série e o número do questionário do(a) aluno(a). Por exemplo: 4/3º (isto é, aluno(a) nº4 da turma da 3ª série).

Passamos agora para a análise das afirmações dadas pelos estudantes. Assim, a fim de facilitar ainda mais o procedimento, colocaremos o fragmento das respostas e, em seguida, o comentário acerca de tal resposta, se ela atingiu ou não as expectativas citadas no tópico anterior 4.2 desta pesquisa.

A justificativa para selecionar as respostas escolhidas para serem comentadas, em detrimento das outras respostas, foi por se enquadrarem em um ou mais dos critérios a seguir:

- I. Por ser a afirmação que mais se repetiu, representando a resposta da maioria dos participantes;
- II. Pela nitidez da escrita e ortografia, levando em consideração o encadeamento lógico das ideias;
- III. Por ser a única resposta dada entre os participantes;
- IV. E, finalmente, por ser uma resposta muito diferente das outras, mas impactante, quer seja no sentido de corresponder as expectativas do tópico 4.2 ou não.

4.3.1 Primeira pergunta

A primeira pergunta [Você acredita que a sabedoria socrática é capaz de estimular os alunos(as) a serem mais participativos na construção do próprio conhecimento? Por quê?] tem por objetivo analisar como a sabedoria socrática pode contribuir para o ensino de filosofia.

A resposta abaixo foi selecionada por ser a afirmação que mais se repetiu, representando o pensamento da maioria dos participantes (*critério I*). Como também, pela nitidez da escrita e ortografia (*critério II*).

Aluno(a) 14/3º:

1) Você acredita que a sabedoria socrática é capaz de estimular os alunos(as) a serem mais participativos na construção do próprio conhecimento? Por quê?

Acredito que sim, pois quando o ser humano, tem acesso do próprio imperativo não há limites para o conhecimento. Isso os encoraja a procurarem saber mais, expressando seus sentimentos e ideias

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

A resposta do(a) participante 14/3º é muito pertinente, pois afirma como a sabedoria socrática pode ser capaz de instigar e encorajar os estudantes na busca de mais conhecimento, visto que “saber que não sabemos” pode ser um ponto de partida para adquirir mais e mais sabedoria. Podemos notar também, nessa resposta, a preocupação do discente em poder também compartilhar seus sentimentos e ideias. Sendo assim, podemos concluir que a resposta atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.3.2 Segunda pergunta

A segunda pergunta [Para você, qual a importância do diálogo entre professor(a) e seus alunos(as) em sala de aula? Por quê?] tem como objetivo analisar o método dos(as) professores(as) e também a relação entre professores(as) e alunos(as) no processo de ensino-aprendizagem.

A resposta abaixo foi escolhida por apresentar uma escrita nítida em comparação com as demais (*critério II*), e também por ser uma afirmação muito diferente das outras, mas impactante (*critério IV*).

Aluno(a) 24/3º:

2) Para você, qual a importância do diálogo entre professor(a) e seus alunos(as) em sala de aula? Por quê?

É fundamental ~~de~~ que ~~como~~ ~~o~~ mediante ao diálogo o professor poderá ter dimensão da percepção de mundo do aluno. Posteriormente isso possibilitará um ensino mais eficaz e pontual.

Comentário sobre a afirmação do(a) aluno(a):

Nessa resposta, podemos perceber a importância que o participante 24/3º dar em relação ao diálogo entre professores(as) e alunos(as), pois reconheci ser o ponto de partida para estabelecer um ensino-aprendizagem mais eficaz e pontual, tendo em vista que o docente compreenderá melhor a dimensão da realidade e percepção dos seus estudantes sobre os conteúdos e da realidade e, a partir disso, poderá direcioná-los melhor. Diante dessa resposta, podemos concluir que a resposta atendeu bem as expectativas postostas na Tabela 1.

4.3.3 Terceira pergunta

A terceira pergunta [Você acha importante saber que não sabemos de tudo? Por quê?] tem como objetivo analisar como a sabedoria socrática pode contribuir para o ensino de filosofia.

A resposta abaixo foi escolhida por ser a afirmação que mais se repetiu, representando o pensamento da maioria dos participantes (*critério I*).

Aluno(a) 15/3º:

3) Você acha importante saber que não sabemos de tudo? Por quê?

ACHO POR CONTA QUE TODOS OS DIAS APRENDEMOS COISAS NOVAS COISAS DIFERENTE POR TANTO É SIM IMPORTANTE SABER QUE NÃO SABEMOS DE TUDO

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

A resposta acima, descrita pelo participante 15/3º, reflete a máxima atribuída a Sócrates “só sei que nada sei”, a qual nos convida a tomada de consciência da nossa própria ignorância acerca das coisas. Na afirmação do(a) aluno(a), fica evidente a

importância de saber que não sabemos, pois a partir dessa confirmação, podemos, todos os dias, aprender algo novo. Assim deve ser o ambiente em sala de aula, onde os estudantes desejam sempre aprender algo a mais todos os dias. Diante de tal resposta, podemos entender que a resposta dada pelo participante, atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.3.4 Quarta pergunta

A quarta pergunta [Na sua opinião, conhecer a si mesmo e a própria realidade a qual você está inserido contribui para o próprio conhecimento em sala de aula? Por quê?] tem como objetivo analisar como a sabedoria socrática pode contribuir para o ensino de filosofia, como também analisar o método pedagógico dos(as) professores(as).

A resposta abaixo foi selecionada por ser a afirmação que mais se repetiu, representando o pensamento da maioria dos participantes (*critério I*). Como também, pela nitidez da escrita e ortografia (*critério II*).

Aluno(a) 30/3º:

4) Na sua opinião, conhecer a si mesmo e a própria realidade a qual você está inserido contribui para o próprio conhecimento em sala de aula? Por quê?

Sim, tendo consciência sobre nos mesmo e a nossa realidade traz uma visão mais aberta em sala de aula e conseguimos aprender mais e trazer esses conhecimentos para nossa vida.

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

A afirmação apresentada pelo participante 30/3º reflete a tomada de consciência da própria realidade, a qual permite relacioná-la com os conteúdos vistos em sala de aula. Assim, o ensino de filosofia pode ir muito além da teoria, onde o(a) aluno(a) pode compreender um ensino da práxis. Sendo assim, resposta dada acima atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.3.5 Quinta pergunta

A quinta pergunta [É importante o professor(a) fazer perguntas e escutar os seus alunos(as) durante a aula? Por quê?] tem por finalidade fazer uma análise da relação entre professores(as) e alunos(as) no processo de ensino-aprendizagem.

A resposta abaixo foi selecionada por ser a afirmação que mais se repetiu, representando o pensamento da maioria dos participantes (*critério I*). Como também, pela nitidez da escrita e ortografia (*critério II*).

Aluno(a) 19/3º:

5) É importante o professor(a) fazer perguntas e escutar os seus alunos(as) durante a aula? Por quê?

Sim, porque da mesma forma que ouvimos o professor também queremos ser ouvidos e debater assuntos que amamos.

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

Sobre a resposta dada pelo participante 19/3º, podemos perceber a preocupação dos estudantes de “serem vistos” no processo de ensino-aprendizagem. Da mesma forma que existe uma necessidade e importância dos(as) professores(as) serem ouvidos em sala de aula, existe a necessidade dos nossos alunos(as) serem ouvidos também. Chama a atenção a afirmação “queremos ser ouvidos...”, que remete a proposta da sabedoria socrática para o ensino de filosofia, onde o educador assume uma postura de escutar o educando, fazendo que ele(a) também se sinta participante da construção do próprio conhecimento, podendo assim, o educando, falar, refletir e, principalmente, se expressar em sala de aula. Com isso, a resposta atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.3.6 Sexta pergunta

A sexta pergunta [O professor(a) deve apenas transmitir o próprio conhecimento ou orientar seus alunos(as) para a construção do próprio saber? Por quê?] tem como objetivo analisar como a sabedoria socrática pode contribuir para o ensino de filosofia, como também analisar o método pedagógico dos(as) professores(as).

A resposta abaixo foi escolhida por ser a afirmação que mais se repetiu, representando o pensamento da maioria dos participantes (*critério I*). Como também, pela nitidez da escrita e ortografia (*critério II*).

Aluno(a) 08/3º:

6) O professor(a) deve apenas transmitir seu próprio conhecimento ou orientar seus alunos(as) para a construção do próprio saber? Por quê?

Ambedor, pois o professor deve transmitir seu conhecimento para despertar o interesse próprio do aluno

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

A resposta dada pelo participante 08/3º tem sua relevância quando percebemos a tomada de consciência que propõe como ponto de partida o despertar do interesse do próprio aluno(a). Assim, o educador deve expor seu conhecimento na tentativa de instigar o educando o interesse na construção do sendo crítico, da reflexão e da construção do próprio saber, com a devida orientação do(a) professor(a). Em vista disso, podemos dizer que a resposta atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.3.7 Sétima pergunta

A sétima pergunta [Na sua opinião, qual a principal tarefa dos professores(as)? Por quê?] tem como objetivo fazer uma análise do método pedagógico dos(as) professores(as).

A resposta abaixo foi selecionada por atender o critério I, ou seja, ser a que mais se repetiu, representando o pensamento da maioria dos participantes do questionário.

Aluno(a) 02/3º:

7) Na sua opinião, qual a principal tarefa dos professores(as)? Por quê?

Me ajudar a entender certos assuntos para que o meu conhecimento adquirido na aula, me ajude na minha vida, ou seja, ter um conhecimento útil

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

A resposta acima, dada pelo participante 02/3º explicita a consciência do aluno(a) em saber o porquê está aprendendo tal conteúdo, e se, certos assuntos terão alguma utilidade ou relevância em sua vida. Podemos lembrar, diante dessa afirmação, da máxima atribuída a Sócrates “o conhecimento só é útil quando nos torna melhores”. Assim, é necessário que o educador saiba selecionar os conteúdos/assuntos que ministrará em sala de aula, a fim de que esses conteúdos estejam alinhados com a realidade do seu aluno(a). Quem sabe assim, o(a) professor(a) terá um impacto ainda maior na vida do seu educando. Podemos dizer que a resposta atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.3.8 Oitava pergunta

A oitava pergunta [O que não pode faltar, de maneira alguma, em uma aula de filosofia? Por quê?] tem como objetivo fazer uma análise do método pedagógico dos(as) professores(as).

A resposta abaixo foi selecionada por apresentar uma escrita nítida em comparação com as demais (*critério II*), e também por ser uma afirmação muito diferente das outras, mas impactante (*critério IV*).

Aluno(a) 05/3º:

8) O que não pode faltar, de maneira alguma, em uma aula de filosofia? Por quê?

exemplos de como aplicar a filosofia em nossas vidas e como ela nos afeta

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

A resposta acima, dada pelo participante 05/3º releva um desejo de um estudo de uma filosofia da práxis (prática), a qual podemos utilizá-la na nossa vida, no nosso cotidiano. Cabe ao educador aqui, demonstrar como a filosofia está presente no nosso dia a dia. Como já foi dito “o conhecimento só é útil quando nos torna melhores”. Aqui, afirmação atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.3.9 Nona pergunta

A nona pergunta [Para você, o que não pode faltar na didática de um professor(a)?] tem como objetivo analisar como a sabedoria socrática pode contribuir

para o ensino de filosofia, como também analisar o método pedagógico dos(as) professores(as).

A resposta abaixo foi selecionada por apresentar uma escrita nítida em comparação com as demais (*critério II*), e também por ser uma afirmação muito diferente das outras, mas impactante (*critério IV*).

Aluno(a) 11/3º:

9) Para você, o que não pode faltar na didática de um professor(a)?

Procurar entender a dificuldade de um aluno e ver a melhor maneira para explicar o conteúdo.

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

A afirmação dada pelo participante 11/3º demonstra a necessidade do(a) professor(a) refletir sobre a sua metodologia em sala de aula. É preciso que o educador saiba reconhecer a sua sala de aula e quais as dificuldades a serem enfrentadas a fim de alinhar, junto aos seus conteúdos, as melhores estratégias que respondam satisfatoriamente tais demandas. O que nos faz lembrar da máxima “conhece-te a ti mesmo”, que nesse caso, e parafraseando, “conhece a tua sala de aula”, assim poderás ensinar melhor. Pode-se constatar que a afirmação atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.3.10 Décima pergunta

A décima pergunta [Por fim, a sabedoria socrática é capaz de cultivar um ambiente em sala de aula propício para o questionamento, criticidade e autonomia dos alunos(as)? Por quê?] tem por objetivo analisar como a sabedoria socrática pode contribuir para o ensino de filosofia.

A resposta abaixo foi escolhida por ser a afirmação que mais se repetiu, representando o pensamento da maioria dos participantes (*critério I*). Como também, pela nitidez da escrita e ortografia (*critério II*).

Aluno(a) 18/3º:

10) Por fim, a sabedoria socrática é capaz de cultivar um ambiente em sala de aula propício para o questionamento, criticidade e autonomia dos alunos(as)? Por quê?

Sim, pois nos desafia a engolirmos nosso orgulho e procurarmos procurar novas ideias e conhecimentos, achar nossos princípios e construir nosso próprios pensamentos

Comentário sobre a afirmação do aluno(a):

A resposta dada pelo participante 18/3º nos mostra o grande desafio e proposta da sabedoria socrática e como ela pode contribuir para o ensino de filosofia em sala de aula, que é saber que não sabemos. Não no sentido de nos sentirmos diminuídos ou inferiores, mas no sentido de, depois dessa tomada de consciência, sermos instigados pela curiosidade e pela sede de sabedoria, em um processo de ensino-aprendizagem o qual se faz necessário amadurecer certas ideias postas e reconstruir, muita das vezes, nossas convicções, deixando de lado no nosso orgulho e a nossa arrogância que nos impedem de buscar novos conhecimentos. Pode-se constatar que a afirmação atendeu bem as expectativas propostas na Tabela 1.

4.4 Considerações sobre os dados e resultados obtidos

Feita a análise das afirmações dos participantes, levando em consideração o que cada um escreveu e suas respectivas manifestações sobre cada pergunta de maneira individualizada, cabe agora propor a resolução de uma seguinte pergunta: o que esses dados coletados significam e/ou representam para esta pesquisa? Ora, tendo em vista os dados os quais foram analisados, podemos concluir que a sabedoria socrática pode ser uma ferramenta bastante valiosa para os(as) professores(as) que buscam uma postura pedagógica para um ensino-aprendizagem mais eficaz.

Vale ressaltar que, para além dos dados escritos (que foram recolhidos e analisados), após a aplicação do Questionário, a maior parte do(as) participantes manifestaram verbalmente a aprovação da sabedoria socrática para o ensino de filosofia, refletindo que a postura de Sócrates é bem interessante e envolvente, criando a possibilidade de uma aula bem mais atrativa.

Alguns deles até fizeram uma relação de Sócrates com um texto que vimos em sala de aula de Kant: *O que é o Esclarecimento?*, no qual o autor apresenta a sua

célebre máxima “Sapere Aude!” (Cf. KANT, 2009, p. 407), ou seja, “ousa saber”, ouse fazer uso do próprio entendimento. Nesse sentido, a sabedoria socrática utilizada como postura pedagógica em sala de aula é capaz de criar/produzir um ambiente favorável para a construção da autonomia do estudante no seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi refletir e avaliar as possíveis contribuições da sabedoria de Sócrates para o ensino-aprendizagem em sala de aula, sobretudo para o ensino da filosofia. Assim, norteados pela “ironia” e pela “maiêutica” socrática, como desdobramento dessa sabedoria, buscamos perceber como tais posturas, assumidas pelos(as) professores(as), poderiam ser capazes de criar um ambiente mais envolvente para os alunos(as), tornando-os(as) mais ativos(as) e protagonistas na construção do próprio saber. Com isso, também buscamos evidenciar um ensino de filosofia onde os(as) estudantes possam ter a possibilidade de despertar e tomar consciência da própria realidade em que estão inseridos(as), tornando assim, o ensino de filosofia, um ensino de uma filosofia prática, onde os(as) alunos(as) conseguem vivenciar no cotidiano o que estão aprendendo em sala de aula.

Logo na introdução, justificamos o porquê de analisarmos a postura pedagógica socrática, uma vez que Sócrates continua sendo um dos clássicos da filosofia e que seus pensamentos e ideias continuam se atualizando e gerando contribuições até os dias de hoje, sobretudo para a educação. Também vimos a necessidade de compreender alguns pontos fundamentais os quais foram essenciais para o andamento desta pesquisa, tais como: entender os principais conceitos e ideias pedagógicas de Sócrates e suas possíveis contribuições para o ensino de filosofia; fazer uma reflexão sobre as dificuldades mais relevantes enfrentadas pelos estudantes, a fim de relacionar melhor os conteúdos vistos em sala de aula com a realidade dos(as) alunos(as), visando sempre visando a utilização da sabedoria socrática nesses processos. Assim, enfatizamos a reflexão de pensar uma educação, utilizando a sabedoria socrática, capaz de produzir um ambiente em sala de aula favorável onde os(as) alunos(as) possam, não só apenas escutar o que o professor(a) tem a dizer, mas que também esse aluno(a) possam ter espaço para compartilhar o seu mundo, a sua realidade, podendo assim, refletir, dialogar e, principalmente, se expressar.

No segundo capítulo, analisamos a temática conhecida por muitos estudiosos como “a questão socrática” ou “o problema Sócrates”. Entre as possibilidades para responder a pergunta “Quem foi Sócrates?”, foram destacados três grandes fontes: os escritos de Aristófanes, Xenofonte e os de Platão. Nesta investigação, verificamos algumas nuances nos “Sócrates” apresentados por cada um deles. Por exemplo, em

Aristófanes vimos uma “imagem” de Sócrates bastante ridicularizada, sendo apresentado como um grande charlatão, onde também é associado aos sofistas, sendo ele um manipulador, aproveitador e até ateu. Já em Xenofonte, podemos verificar um Sócrates bem mais diferente do apresentado por Aristófanes, um Sócrates que possui um compromisso rigoroso com as questões morais e éticas, sendo ele mesmo um modelo a ser seguido. Além disso, percebemos em Xenofonte, um Sócrates bastante afirmativo em suas colocações, o qual propõe definições de virtudes e encoraja as pessoas a seguir uma vida coerente com elas. Por fim, vimos o “Sócrates” de Platão, virtuoso como o apresentado por Xenofonte, mas, um Sócrates questionador e, acima de tudo, investigador, o qual foi eleito o “Sócrates” mais relevante para guiar a nossa pesquisa.

No terceiro capítulo, falamos sobre a postura pedagógica de Sócrates e suas possíveis contribuições para o ensino de filosofia, que dividimos em três subtópicos: o primeiro para falarmos sobre a “ironia” socrática, o segundo para falarmos sobre a maiêutica: o “parto” das ideias e o terceiro, o qual indagamos sobre as possíveis contribuições para o ensino de filosofia. Assim, no primeiro subtópico, da “ironia” socrática, vimos como Sócrates dissimula uma absoluta ignorância sobre os assuntos tratados. Feito isso, ele inicia, o seu método refutativo, no qual ele começa a fazer uma série de perguntas aos seus interlocutores com o objetivo de observar as contradições e as possíveis incompletudes de suas definições. Vimos que a intenção de Sócrates, em fazer tudo isso, não era com o objetivo de ridicularizar os seus interlocutores, mas o de fazê-los tomar consciência da própria ignorância, fazendo “cair por terra” o orgulho, a vaidade, a presunção ou qualquer tipo de arrogância que prejudicasse o processo na busca do conhecimento verdadeiro das coisas, podendo assim, os interlocutores, despertando para essa tomada de consciência, avançar ainda mais em conhecimento e sabedoria. Já no segundo subtópico, sobre a maiêutica: o “parto” das ideias, verificamos que nessa segunda parte da postura pedagógica socrática, após passar pela “ironia”, as pessoas estariam mais aptas para construir suas próprias ideias, realizando as devidas correções dos seus argumentos anteriores. Sendo assim, o(a) professor(a), neste sentido, é aquele capaz de conduzir todo esse processo, e assim orientar os seus alunos(as) “para a direção certa” (TEIXEIRA, 1999, p. 51). No terceiro e último subtópico desse capítulo, fizemos algumas reflexões sobre a sabedoria socrática e suas possíveis contribuições para o ensino de filosofia.

No quarto capítulo, apresentamos a aplicabilidade da sabedoria socrática em sala de aula e seus resultados. Diante desse objetivo, foi descrito a escola, as turmas e o perfil dos(as) alunos(as) que participaram desta pesquisa: alunos(as) dos 3º anos dos turnos manhã e tarde do Ensino Médio da escola de E. E. M Deputado Francisco de Almeida Monte localizada na grande Barra do Ceará, em Fortaleza-CE. Também foi descrito nesse capítulo o método, os materiais e dos dados a serem coletados, assim como a descrição do questionário de dez perguntas abertas que foi aplicado aos estudantes que participaram desta pesquisa. Após toda essa descrição, organizamos os dados coletados através do questionário e fizemos uma análise das respostas dos(as) alunos(as), digitalizando algumas das respostas seguindo os seguintes critérios: I. Por ser a afirmação que mais se repetiu, representando a resposta da maioria dos participantes; II. Pela nitidez da escrita e ortografia, levando em consideração o encadeamento lógico das ideias; III. Por ser a única resposta dada entre os participantes e IV. Por ser uma resposta muito diferente das outras, mas impactante. Assim, após a escolha de cada resposta fizemos uma análise qualitativa acerca das reflexões expressas pelos participantes e se essas corresponderam as expectativas da Tabela 1, descrita no tópico 4.2 da página 58 desta pesquisa.

Diante das análises que fizemos das afirmações dos participantes desta pesquisa, notamos uma grande aceitação dos estudantes da sabedoria socrática como possibilidade de ser uma grande ferramenta para um ensino de filosofia mais eficaz e envolvente. Sem dúvidas, uma das respostas que mais me chamou atenção foi a da pergunta 5: “É importante o professor(a) fazer perguntas e escutar os seus alunos(as) durante a aula? Por quê?”, onde o(a) participante 19/3º afirmou que sim, demonstrando a “preocupação” de também “ser visto” no próprio processo de ensino-aprendizagem. Numa certa parte da sua resposta o participante respondeu “queremos ser ouvidos...”, o qual remete diretamente a proposta da sabedoria socrática para a sala de aula, onde o diálogo se faz essencial para a construção do conhecimento junto com os(as) alunos(as).

Após levar em consideração tudo que vimos até aqui, ideias, reflexões, assim como os dados e resultados obtidos nesta pesquisa, constatamos a importância da sabedoria socrática como possibilidade e ferramenta útil para a sala de aula, capaz de contribuir significativamente para o processo de ensino-aprendizagem, sobretudo no que diz respeito ao ensino de filosofia.

No entanto, é necessário ressaltar que não existem “receitas de bolo” para a educação, e aprender a ensinar é uma tarefa árdua que requer muita experiência de sala de aula. Assim, como afirmou Bolzani certa vez em uma entrevista:

[...] aprende-se a dar aula dando aula. Todos temos nossas convicções sobre o que é dar uma aula eficaz, que têm a ver com os objetivos que vemos nas disciplinas que lecionamos e no que julgamos ser, de forma geral, o papel da educação. [...] acho que cada um de nós deve descobrir, na prática, como nos sentimos melhor ao dar aula e, principalmente, como isso proporciona ganhos aos estudantes. (BOLZANI, 2021, p.19).

Assim, seguindo a reflexão de Bolzani, e como diriam meus amigos(as) e colegas professores(as), não podemos esquecer que aprendemos a dar aula é no “chão da sala de aula”, ou seja, nas experiências, nas dificuldades e com os desafios que encontramos diariamente. No entanto, é de suma importância que nós, professores(as), continuemos analisando e refletindo sobre os métodos e estratégias pedagógicas, não como “receitas de bolo”, como já foi dito, mas como possibilidades que visam um aperfeiçoamento da nossa prática dentro da nossa sala de aula. Até porque, tomar conhecimento desses métodos não significa necessariamente que devemos adotá-los de maneira acrítica.

Portanto, tomando esse pressuposto, desejamos que esta pesquisa sirva como análise e reflexão, como possibilidade de uma aplicabilidade da sabedoria socrática para o ensino de filosofia para aqueles que se propuserem a lê-la, além de abrir os horizontes para novas perspectivas e reflexões pedagógicas.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓFANES. **As nuvens, Só para mulheres, Um deus chamado dinheiro**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de filosofia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2007.
- FILHO, B. Educação socrática. **Filosofia e Educação [RFE]**, Campinas-SP, v. 9, n. 1, p. 81-109, fev/mai. 2017.
- FILHO, B. IMAGENS DE SÓCRATES. **KLÉOS**, São Paulo, n. 18, p. 11-31, 2014.
- FILHO, B; OLIVEIRA, E; SOUZA, G; RIBEIRO, R. Entrevista com Roberto Bolzani Filho: Sobre Filosofia. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 17-32, Abr/Jun. 2021.
- FREITAS, Jackson. **O amor segundo os filósofos gregos**. Fortaleza-CE: Editora Karuá, 2020.
- JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JASPERS, Karl. **Platon, in Les grands philosophes**. Paris: Plon, 1963.
- KANT, Immanuel. Resposta à questão: O que é o Esclarecimento? Tradução de Vinícius de Figueiredo. **Antologia de textos filosóficos**. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2009.
- KOHAN, Walter. **Sócrates e a educação: o enigma da filosofia**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.
- PAVIANI, Jayme. **Platão e a educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.
- PEDRO, Waldir. **Dinâmicas para aulas de filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2012.
- PLATÃO. **As Leis**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Editora Edipro, 2012.
- PLATÃO. **A República**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Editora Edipro, 2012.
- PLATÃO. **Diálogo I: Teeteto (ou do conhecimento); Sofista (ou do Ser); Protágoras (ou Sofistas)**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Editora Edipro, 2007.

PLATÃO. **Diálogo III:** Fedro (ou do belo); Eutífron (ou da religiosidade); Apologia de Sócrates; Críton (ou do dever); Fédon (ou da alma). Tradução de Edson Bini. São Paulo: Editora Edipro, 2008.

PLATÃO. **Diálogo V:** O banquete; Mênon; Timeu; Crítias. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Editora Edipro, 2010.

TEIXEIRA, Evilázio. **A educação do homem segundo Platão.** São Paulo: Editora Paulus, 1999.

TELES, Maria. **Filosofia para o ensino médio.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

VELLOSO, Renato. **Lecionando filosofia para adolescente:** práticas pedagógicas para o Ensino Médio. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

XENOFONTE. **Apologia de Sócrates.** Tradução por Ana Elias Pinheiro, Editora: CECH, 2008.

XENOFONTE. **Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates.** São Paulo: Editora EDIPRO, 2006.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PARTICIPANTES DESTA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE MESTRADO SOBRE “A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA”

PARTICIPANTE _____

SÉRIE _____

1) Você acredita que a sabedoria socrática é capaz de estimular os alunos(as) a serem mais participativos na construção do próprio conhecimento? Por quê?

2) Para você, qual a importância do diálogo entre professor(a) e seus alunos(as) em sala de aula? Por quê?

3) Você acha importante saber que não sabemos de tudo? Por quê?

4) Na sua opinião, conhecer a si mesmo e a própria realidade a qual você está inserido contribui para o próprio conhecimento em sala de aula? Por quê?

5) É importante o professor(a) fazer perguntas e escutar os seus alunos(as) durante a aula? Por quê?

6) O professor(a) deve apenas transmitir seu próprio conhecimento ou orientar seus alunos(as) para a construção do próprio saber? Por quê?

7) Na sua opinião, qual a principal tarefa dos professores(as)? Por quê?

8) O que não pode faltar, de maneira alguma, em uma aula de filosofia? Por quê?

9) Para você, o que não pode faltar na didática de um professor(a)?

10) Por fim, a sabedoria socrática é capaz de cultivar um ambiente em sala de aula propício para o questionamento, criticidade e autonomia dos alunos(as)? Por quê?

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL À REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL À REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA

Declaro, para fins de comprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará-CEP/UFC/PROPEQ, que E. E. M. Deputado Francisco de Almeida Monte contém toda infraestrutura necessária em suas instalações para realização da pesquisa intitulada “A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA” a ser realizada pelo pesquisador **FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA**.

Fortaleza, 24 de Abril de 2023

Assinatura manuscrita em azul sobre uma linha horizontal.

Responsável pela instituição
Silvia Cesar de Castro e Santos
Mat. 121337 1-5
Diretor

**APÊNDICE C – CARTA DE SOLICITAÇÃO DE APRECIÇÃO DE PROJETO AO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ –
CEP/UFC/PROPESQ**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

**CARTA DE SOLICITAÇÃO DE APRECIÇÃO DE PROJETO AO COMITÊ DE
ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ –
CEP/UFC/PROPESQ**

Ao: Dr. Fernando Antônio Frota Bezerra
Coordenador do CEP/UFC/PROPESQ

Em: 20/04/2023

Solicitamos a V. Sa. apreciação e análise, junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará-CEP/UFC/PROPESQ, do projeto intitulado **A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA**

Os pesquisadores possuem inteira responsabilidade sobre os procedimentos para realização dessa pesquisa, bem como estão cientes e obedecerão aos preceitos éticos de pesquisa, pautados na Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Atenciosamente,

Fa Jacksonos F. Souza

Pesquisador Principal



Documento assinado digitalmente
JOSE CARLOS SILVA DE ALMEIDA
Data: 24/04/2023 11:46:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIDO QUE OS(AS) PARTICIPANTES ASSINARAM PARA PARTICIPAR DESTA PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa: “**A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA**”. Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é fazer uma análise e reflexão sobre o método pedagógico socrático, a fim de conduzir os alunos(as) a um comportamento escolar mais atuante e reflexivo, capaz de instigar os jovens a pensar sobre a própria realidade e, assim, quem sabe, enfrentar os desafios do dia a dia com mais criticidade e com mais maturidade.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): será realizado um questionário com dez perguntas sobre o ensino de filosofia. A coleta dessas informações servirão de apoio para analisar a relação entre a sabedoria socrática com o ensino de filosofia e se tal sabedoria pode realmente ser uma ferramenta útil para os professores(as) em sala de aula.

Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Endereço d(os, as) responsável (is) pela pesquisa:

Nome: Francisco Jackson de Freitas Souza
Instituição: Instituto de Cultura e Arte – UFC (Universidade Estadual do Ceará)
Endereço: R. Vinte e Dois, 532 – Vila Velha. Fortaleza-CE, 60348-630
Telefones para contato: (85) 9 9994 9857

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00)

horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____, anos,
 RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, ___/___/___

_____	Data _____	_____
Nome do participante		Assinatura
_____	Data _____	_____
Nome do pesquisador		Assinatura
_____	Data _____	_____
Nome do profissional que aplicou o TCLE		Assinatura

APÊNDICE E – DECLARAÇÃO DE FIEL DEPOSITÁRIO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ****DECLARAÇÃO DE FIEL DEPOSITÁRIO**

Eu, SILVIO CEZAR DE CASTRO E SANTOS chefe do **E. E. M DEPUTADO FRANCISCO DE ALMEIDA MONTE**, fiel depositário dos prontuários médicos dos pacientes, autorizo o(a) pesquisador(a) FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA a colher dados dos prontuários para fins de seu estudo **A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA**.

Fortaleza, 24 de ABRIL de 2023

Assinatura manuscrita em azul-escuro, sobre uma linha horizontal.

RESPONSÁVEL PELA INSTITUIÇÃO

Silvio Cesar de Castro e Santos
Mat. 121337 1-5
Diretor

APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE ORÇAMENTO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ****DECLARAÇÃO DE ORÇAMENTO**

Declaro, para os devidos fins, que os custos detalhados abaixo, referentes à execução da pesquisa intitulada **A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA**, serão custeados pelo próprio pesquisador:

ITEM	VALOR (R\$)
Canetas	R\$10,00
Papel ofício	R\$20,00

Fortaleza, 24 de ABRIL de 2023.

F. JACKSON D. F. SOUZA
PESQUISADOR PRINCIPAL

ATIVIDADE	MESES DE 2024											
	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D
Revisão da dissertação	x	x	x	x	x							
Análise dos dados da pesquisa	x	x	x	x	x							
Pesquisa bibliográfica	x	x	x	x	x							
Qualificação			x									
Defesa da dissertação					x							

Fortaleza, 24 de ABRIL de 2023.

FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA

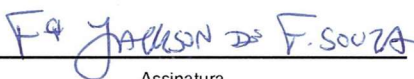
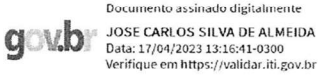
Pesquisador Principal

ANEXO A – FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 20			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA			
6. CPF: 040.691.803-11	7. Endereço (Rua, n.º): Rua Vinte e Dois VILA VELHA Nº 532 FORTALEZA CEARA 60348630		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 85999949857	10. Outro Telefone:	11. Email: francisco.souza29@prof.ce.gov.br
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> <p style="text-align: center;">Data: <u>17</u> / <u>04</u> / <u>2023</u></p> <p style="text-align: right;">  Assinatura </p>			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ	13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Instituto de Cultura e Arte	
15. Telefone: (85) 3366-9224	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Responsável: <u>Prof. Dr. José Carlos Silva de Almeida</u> CPF: <u>972.465.577-68</u></p> <p>Cargo/Função: <u>Coordenador do PROF-FILO UFC</u></p> <p style="text-align: center;">Data: <u>17</u> / <u>04</u> / <u>2023</u></p> <p style="text-align: right;">  Assinatura </p>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP – APROVADO PELO COMITÊ DE ÉTICA DA PLATAFORMA BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A SABEDORIA SOCRÁTICA NO ENSINO DE FILOSOFIA

Pesquisador: FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 70123623.7.0000.5054

Instituição Proponente: Instituto de Cultura e Arte

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.274.367

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa tem como objetivo analisar o método pedagógico de Sócrates, sobretudo no que diz respeito à educação do ser humano que, em vez de se sentir apenas um expectador ou um mero coadjuvante na construção do próprio saber, se torne cada vez mais um protagonista nesse processo de ensino-aprendizagem. E qual seria a proposta desse protagonismo? Despertar nos alunos um ensino mais atuante por parte deles, não permitindo, desse modo, que o ensino seja apenas uma simples transmissão de conteúdos, mas sim um processo o qual permite que os alunos tenham um espaço para falar, refletir e, principalmente, se expressar.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Despertar uma aprendizagem mais atuante, onde os alunos se sintam responsáveis e ativos na construção do seu próprio saber, deixando para trás um ensino respaldado apenas numa mera transmissão de conteúdos, para se tornar um processo o qual permite que os alunos tenham espaço para falar, refletir e, principalmente, se expressar.

Objetivo secundário:

- Compreender os principais conceitos e ideias pedagógicas de Sócrates e refletir sobre suas possíveis contribuições para o ensino de filosofia.
- Relacionar, com a orientação do professor em sala de aula, os conteúdos com a realidade particular de cada aluno.
- Refletir sobre as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos, como também a realidade o

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

CEP: 60.430-275

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

Continuação do Parecer: 6.274.367

qual a escola encontra-se inserida, a fim de possibilitar uma melhor compreensão entre os conteúdos visto em sala de aula com a realidade da turma.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O projeto indica:

Quanto aos riscos:

Os riscos dessa pesquisa são mínimos, sendo apenas o risco dos participantes ficarem cansados ao responder ao questionário, ou algum desconforto caso não saiba o que responder.

Quanto aos benefícios:

Os benefícios dessa pesquisa consistem em coletar informações e perceber até que ponto o método pedagógico sócrático é capaz de ser uma ferramenta capaz de beneficiar os professores com uma prática pedagógica para o ensino de filosofia.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A metodologia demonstra observância dos princípios éticos a serem considerados na realização de pesquisas na área. Seguem especificações do encaminhamento metodológico:

O projeto apresentado pretende ser composto de três etapas.

A primeira delas consiste na importância de trabalhar com os alunos de uma forma que desperte neles a curiosidade e, sobretudo, ao questionamento. Para isso, será utilizado, como já foi mencionado, o método pedagógico de Sócrates. Portanto, a primeira parte é teórica, onde, durante esse momento, os alunos realizarão anotações, resumos dos conteúdos, questões e indagações levantadas em sala de aula.

Já na segunda etapa do projeto, os alunos refletirão sobre todas as anotações, debates, indagações as quais foram realizadas com a seguinte problematização: “qual a relação que esses estudos filosóficos possuem com a experiência de vida e realidade particular?”. Ora, nessa segunda etapa, os alunos deverão realizar um diálogo entre teoria (conteúdos filosóficos) com a “real” (realidade particular do aluno e aluna).

Já na terceira e última etapa desse projeto, os alunos deverão analisar, por meio de um questionário, o método sócrático utilizado nas aulas e quais foram as quais conclusões que chegaram em todo esse processo. A coleta desses dados permitirão ressaltar ainda mais à questão deste projeto sobre a sabedoria sócrática no ensino de filosofia.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória encontram-se de acordo com as exigências deste Comitê.

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC**



Continuação do Parecer: 6.274.367

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Colegiado emite parecer favorável à execução da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2120922.pdf	01/06/2023 10:58:16		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao.pdf	31/05/2023 17:31:43	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	25/04/2023 07:57:47	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
Declaração de concordância	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf	25/04/2023 07:57:17	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	Carta_de_solicitacao_de_apreciacao_do_projeto.pdf	25/04/2023 07:56:35	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_assentimento_livre_e_esclarecido.pdf	25/04/2023 07:52:57	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
Outros	Curriculo_lates.pdf	25/04/2023 07:48:36	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	25/04/2023 07:45:40	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto.pdf	25/04/2023 07:41:33	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	25/04/2023 07:39:46	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto.pdf	25/04/2023 07:39:11	FRANCISCO JACKSON DE FREITAS SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-275

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ PROPESQ - UFC



Continuação do Parecer: 6.274.367

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 31 de Agosto de 2023

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1000

Bairro: Rodolfo Teófilo

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

CEP: 60.430-275

E-mail: comepe@ufc.br